

3 1761 07041242 4







ANTONIO·CORRÊA·D'OLIVEIRA



·PÃO·NOSSO·ALE-  
GRE·VINHO·AZEI-  
TE·DA·CANDEIA·







Digitized by the Internet Archive  
in 2010 with funding from  
University of Toronto

PÃO·NOSSO·ALE-  
GRE·VINHO·AZEI-  
TE·DA·CANDEIA·

BRANDY  
CREATED BY  
THE COMPANY

ANTONIO·CORRÊA·D'OLIVEIRA



PÃO·NOSSO·ALE-  
GRE·VINHO·AZEI-  
TE·DA·CANDEIA·



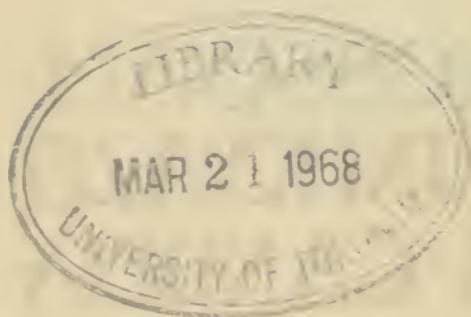
PORTUGALIA

EDITORA

Rua do Carmo, 75

LISBOA

PQ  
9261  
C623P3



*•Laudato si, mi signore, per sora nostra matre terra,  
la quale ne sustenta et governa  
et produce diversi fructi con coloriti flori et herba».*

*(San·Francisco de Assis)*

*«Pão, vinho e riso, e parte no Paraiso».*

*(Do Povo)*



A Vós, meus versos: como a espuma á Onda,  
Ao Ramo, a folha, pálida e cahida.

—O' rusticos Heroes, que em mansa lida  
Mourejaes sôbre a terra, e a terra esconda:  
Cavaleiros da Távola-Redonda  
E nobres Armas que nos dão a vida...

A Vós, meus versos: como a espuma á Onda,  
E a folha, ao Tronco de onde foi nascida.





## INSCRIÇÃO



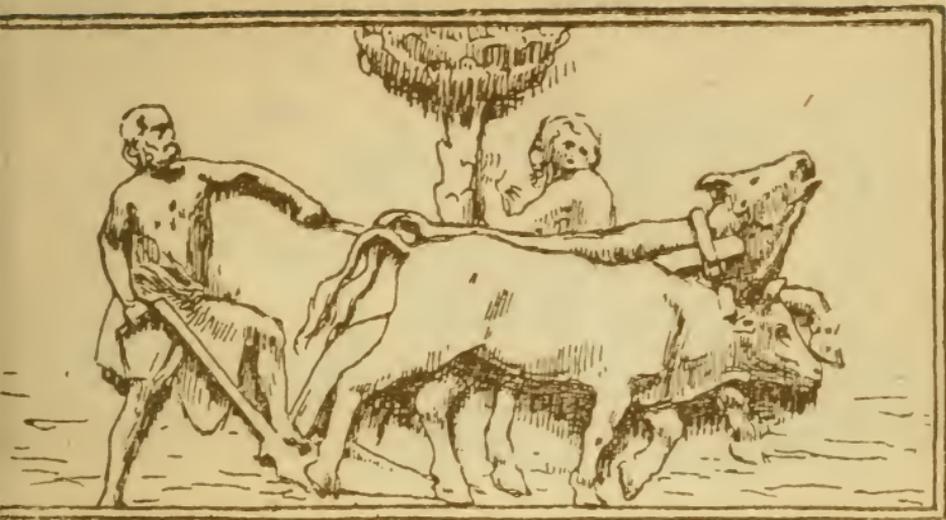
OMENS, voltae a Deus. Filhos da Terra,  
Perdendo a alma em lôbrega distancia,  
Voltae á Mãe de eterno amor e infancia  
Voltae á paz christã, depois da guerra.

Sôbre as azas do sol, poisou, na serra,  
A clara Primavera: Estancia a estancia,  
Clamando vem os hinos da abundancia,  
Em cada flôr que as pétalas descerra.

Passos de Heroe, embebam-se na leiva.  
Lagrimas, não! Mais sangue, não! - A Seiva  
Côrra em diluvios. Cante-se a caminho...

Resae! Arae! - "Mal vae, se em Portugal  
Não ha trez cheias antes do Natal,"  
Não de agua: mas de Azeite, Pão e Vinho.





## PÃO NOSSO

**M**ARCANDO á vida um fulgido segundo,  
Alto, bronzeo relógio da Escritura,  
Sôa,—em louvor da edénica fartura  
Dos nossos Paes, ao começar do mundo,

Que sol magnânimo! e que chão fecundo!  
Um, a Abundancia; o outro, a Formosura...  
—Adão! foi esse o mal: Facil ventura,  
Sem dôr, esfôrço, ou vivo amor profundo.

Tiveste os frutos de oiro, antes da Fome!  
E grandiloqua agua, antes do nome  
Da Sêde, que faz d'ela uma alegria...

Ah! — lavadas as mãos, enxuto o rosto  
Do bom suor, — nunca soubeste o gôsto  
Do pão que nós ganhamos, dia a dia.





## A AGUA E O FOGO DO PARAISO

**E**m vão sorrira a Fonte de Oiro! Em vão  
Rompêra o Fôgo oculto, que viera  
Abrir em mansa e tímida cratera,  
Feita, por Deus, lareira de Eva e Adão!

Perdido fôra o Paraíso... Então,  
Ficou, de herança, o Exílio e a Dôr. Austera,  
A Morte veio; e a Vida é uma quimera:  
—A Sêde eterna, um sôrvo de Ilusão.—

Chorou a Agua com saudades de Eva;  
Chorou o Fogo, espedaçando a treva,  
A alumiar Adão em seu caminho...

—E foram essas lagrimas sem par  
Que a terra transfundiu, para nos dar  
Filtro de Amor, Sangue de Christo: o Vinho!





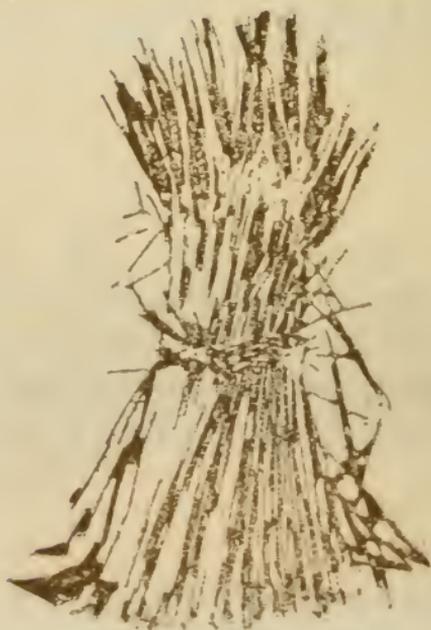
## NA SOMBRA DAS IDADES

**M**AL o mundo era um berço, sob o afêro  
Do Cáo antigo, quando a nossos Paes  
Embalaram os braços maternas  
Da Vida: o céu e a terra: o amor e o êro.

Almas de Arcanjo, em lôbreo destêro;  
Semelhanças de Deus; feras aos ais;  
Pobres vermes do chão, em lodaçaes;  
Aguias, subindo á luz de cêro em cêro.

Abriram-lhes o leito os cataclismos.  
A água, inda era a baba dos abismos.  
E o pão... Não tinham pão, esses Anteus!

—Devoravam: raizes, amassadas  
Nas durezas da terra, e fermentadas  
Na cinza e sal da maldição de Deus...





## A MAÇÃ E A HOSTIA

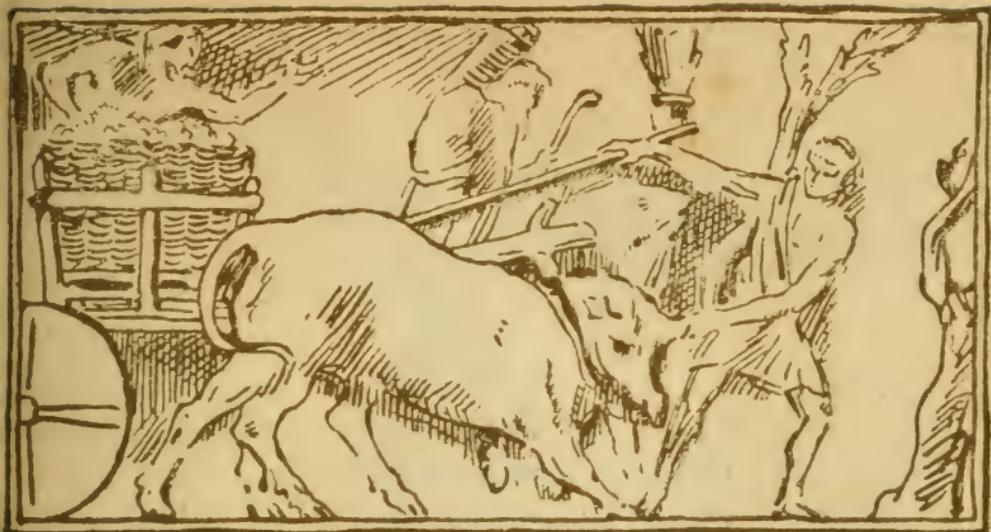
**B**ANQUETE de delicia, o Paraiso!  
Festim dos homens, quem o serve? Deus!  
A meza, é o chão; a toallia, a luz dos céus;  
E vinho, o heroico e universal sorriso.

Depois, veio Satan... E foi preciso  
O castigo da Culpa, entre escarcéus  
De aguas e fogo; o sol em negros véus;  
Os pés em chaga, doloroso pizo.

A Dôr remiu os homens... Eden santo,  
Que Jesus encontrou, lavado em pranto,  
Onde nos leva o Sacrificio, o Amor!

O Fruto-mau, tornou-se em Hostia pura:  
(Ah! nobre orgulho...) E é hoje a criatura  
Que dá um tal Banquete ao seu Criador!





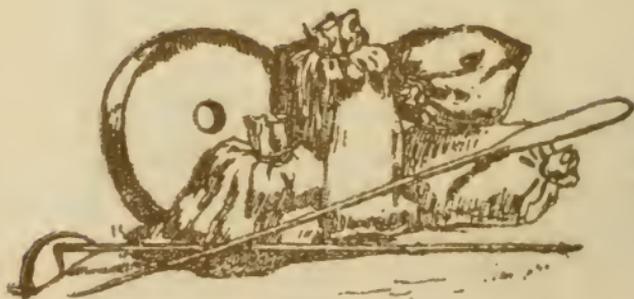
## LIÇÃO DAS FERAS

**A**NTES dos Homens, existia a Fera:  
Na Vida, é ela quem nos inicia...  
(Ai de nós! ai de nós! Inda hoje em dia  
Esta herança fatal nos desespera.

Em meio da Floresta, obscura e austera,  
Já Templo de misterio e de harmonia,  
—O Homem segue o Monstro: observa e espia,  
Assombrado de horror e de quimera...—

O Monstro guia os Homens: O seu rasto  
Levava-os á Caverna, á Fonte, ao vasto  
Campo, onde os frutos tombam pelo chão.

Ensina-os a viver...—Da mesma sorte,  
Ensinou-lhes, tambem, a dar a morte:  
A devorarem Carne, em vez de Pão!





## O GESTO DE SEMEAR

**Á** DURA mão dos homens, (tão vezeira,  
Por nosso mal, ao crime e á maldição)  
Quem revelou o Gesto, em graça e unção,  
Que faz, por sôbre a terra, a sementeira?

Seria a leve nuvem, que peneira  
Chuvas de maio, ao som da viração?  
Ou as ondas do mar, que vêm e vão?  
Ou paio de ave, na canção primeira?

Ou, mesmo, a brava messe, que marulha  
Ao vento, e ondeia, enquanto se debulha,  
Reflue, esvoaça, e pára, e recomeça?...

—Foi Deus quem inspirou (o mais, é fábula!)  
Este Gesto de luz: esta Parábola:  
Este infinito Acceno de promessa...





## O CANTO DAS SEARAS

**É** CERTO que, na terra primitiva,  
— Fôsse ela um Eden, onde Deus passára,  
Ou tormentosa estancia, adusta e avara, —  
Ruflava a Seiva, palpitante e viva.

Gramineas, pipilando em voz esquivada,  
Quem as juntou em ronda, em onda clara,  
No largo Canto estrídulo da Seara,  
Em chão lavrado, sob a luz festiva?

Dantes, acaso, as liervas mais afoitas,  
Chocas de sol, apenujavam moitas:  
O vento, apenas, lhes deitava os ovos...

Azas do Pão!—Quem as chamou primeiro?—  
Verde pombal, á porta do celeiro:  
Arrulhos de oiro entre vinhedos novos!





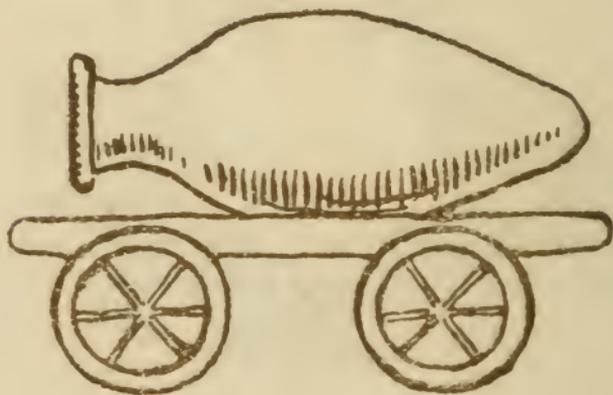
## A SEIVA-ESPIRITO

**G** ELOU-SE o Fogo em pedra diamantina;  
O Mar, ardeu na perola, a mais pura;  
—Que seculos andou a Seiva obscura,  
Buscando o fim que a vida' lhe destina?—

Foi rude tronco, e ramo; peregrina  
Urna de aroma, em vária formosura;  
Mas pétala, ou perfume que não dura:  
Pronúncia vã d'uma expressão divina...

A Seiva fez-se em Vide; a Vide, em baga  
De ambar, rubim, que a nossa bôca esmaga:  
Já fruto, e sangue. Espirito?... Inda não!

O Vinho, emfim! Emfim, o Alento e a Graça:  
—Alma do Sol, a trasbordar na taça  
De Hercules môço ou nosso avô Platão!





## A CANDEIA DE HOMERO

**E**m que subtis e limpidos crisoos  
De Misterio, se apura e oculta a vida?  
Em que tear e fios é tecida  
A Fé do Santo, a fôrça dos Heroes?

Fez-se, talvez, (sei lá!) de tantos soes  
Mortos no espaço em luminosa lida,  
A lampada primeira a Deus erguida,  
A cristalina voz dos rouxinoes...

Destinos, fluidos, Alquimia estranha!  
—Que Estrêla ignota, semelhante a aranha,  
Urdu meus Sonhos em siderea teia?—

A candeia de Homero, por memoria,  
Talvez que Deus a transformasse, (em gloria  
E em céus longinquos), noutra Lua-cheia!





## A EPOPEIA

**N**AS apolíneas paginas do Poema,  
Não me enternece a forte humanidade  
Quasi sem Dôr, ainda sem Saudade:  
De rosas, não de espinhos, seu diadema.

Não amo o claro Olimpo, a arder na gema  
De eternos soes, pois nunca a sombra o invade;  
Nem a troante e barbara verdade  
Do Concilio dos Reis, e a manha extrema.

Nem o fulgor das pulcras armaduras;  
Contos de amor; ciclópeas aventuras;  
Ataúdes em chama; céus estranhos...

—Mas, sim, Princezas ao tear; e Heroes,  
Deixando o gládio, á voz dos rouxinoes,  
A arar seus campos, a guardar rebanhos!





## A MAIOR ARTE

**E** DIZ o Poeta, mergulhando a vista  
Nos intérminos pélagos da Ideia:  
—“Sou o Senhor do Carme e da Epopeia,  
Espírito da Luz... Eu sou o Artista!”—

E diz Orfeu:—“A quanto não exista,  
Dou alma e corpo, em Som que revolteia...”—  
O Imaginario diz:—“A Forma, é cheia  
De Deus: Revelo Deus... Eis a Conquista!”—

E diz o Lavrador:—“Sou Natureza!  
A Arte, imita,—apenas,—a beleza...  
Só eu criei a vida, e sei vivê-la!

“Que Concêrto de Amor teria dado,  
Se pudesse vibrar o meu Arado,  
Não só na terra, mas de estrêla a estrêla!”—





## A TENTAÇÃO DOS DEUSES

**O**s velhos Deuses, para seu sustento,  
Tinham, no Olimpo, o Nectar e a Ambrosia;  
Aos pobres homens, coube a terra fria:  
O Pão e o Vinho, em duro sofrimento.

Cantando e arando,—ao largo o Pensamento!—  
Invejam-lhes, os Numes, a alegria:  
E querem as Primicias, dia a dia,  
Das searas e pampanos ao vento.

Céres, e Flora e Pan, tomaram gôsto  
Aos bôlos de farinha, ao loiro môtto,  
Fartos de Nectar, Gloria e Eternidade!

—Deuses e Niufas, por manhãs radiosas,  
Lá vão! entre vinhedos, pão e rosas,  
Em Folia pagã, de herdade a herdade...





## A ENXADA

**T**UDO quanto viveu, por artificio  
Dos homens, no fragor das Gerações,  
—Cidades, Templos, Tumulos, Legiões,—  
Tudo se esvae em negro precipicio...

Bem, que hontem foi, é hoje um maleficio !  
As nossas almas, são como os vulcões:  
Trazendo já, na luz das Concepções,  
A cinza e o pó do extremo sacrificio.

Só ficaram, eternas, na distancia  
Dos Tempos, sempre em linda e clara infancia,  
A Lavoira, o Pomar, a Vinha e as Hortas...

—Quantas vezes, a Enxada que cultiva,  
Encontra restos, sob a terra viva,  
De Deuses mortos, de Cidades mortas!





## DEPOIS DO DILUVIO

**O** MAR e o céu, em ataúde, em urna,  
Fecham o Mundo, o rude heresiarca;  
Em cima, a escuridão, que tudo abarca;  
Em baixo, a agua, gélida e soturna.

Cumpriu-se o tempo. Enfim, á luz diurna,  
Noé,—o derradeiro Patriarca,—  
Sahiu, no cêrro enxuto, ás portas da Arca:  
Velho leão, rompendo d'uma furna.

—“O Mundo é teu!” — diz-lhe Elohim. — “Senhor!  
Porque me daes o desespêro e a dôr?  
O céu morreu, e a terra abriu-se em cova...” —

Fez Deus, então, que êle inventasse o Vinho:  
—“Oh! como é bom... Fui trôpego, e caminho!  
Sou môço! a vida é bela! a terra é nova!” —





## O MANÁ

**Q**UE dia imenso! Que deserto imenso!  
Qual o mais longo e ardente? qual seria?  
Era um deserto de agonia, o dia!  
Era o deserto um seculo suspenso!

E o Povo geme, no deserto imenso:  
A sêde, a fome, e o sol... — "Onde a Alegria,  
Senhor! onde a Abundancia?" — E Deus sorria...  
A sombra, vem, em fumaréus de incenso;

A noite, cae. Orvalha... De mansinho,  
No céu, como em cabouco de moíño,  
Os astros começaram a rolar:

Chove Maná sôbre o deserto inteiro...  
—“Farinha assim! Quem foi o seu Moleiro?”—  
E Deus sorria, todo branco, ao luar.





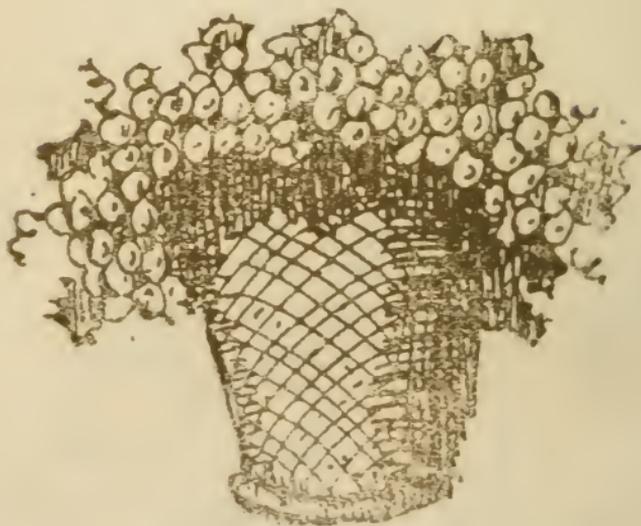
## AS PRIMÍCIAS

**F**oi Deus quem deu, ao bom Moisés, a traça  
Do proprio Santuario: A mão divina,  
Desenhou linhas, deu a côr mais fina,  
(Assim criára o mundo!) a fôrça e a graça.

A chama do poente é mais escassa  
De rasgo e ardor! E a ave pequenina,  
Com menos arte, ou miudez, combina  
Seu ninho, e a argila ás penas entrelaça.

—Nuvens de purpura, em montanhas de oiro...—  
Mas ha, no Tabernáculo, um tesoiro,  
Alta imagem da vida e da criatura:

—A marchetada meza, á luz aberta,  
Onde o céu tem, em oração e oferta,  
As Primicias da terra, humilde e obscura.





## QUINHÃO DOS POBRES

**E** RA como se as nuvens, de repente,  
Apartadas no céu em tórvo abrigo,  
(Milagre e assombro! Bençãos, ou castigo?)  
Se fundissem em chamas sôbre a gente!

E, do meio da Nuvem resplendente,  
Nos cimos do Sinai, o Deus antigo  
Falava com Moisés, de amigo a amigo,  
Impondo a Lei eterna, eternamente!

Entre as mil coisas grandes que Êle ensina,  
Diz (e tremeu de amor a Voz divina  
Onde ha trovões e carrilhões aos dobres):

— “Colhe... Vindima, de alva ao lusco-fusco;  
Mas deixa, á farta, os bagos e o rebusco:  
Deixa-os, por Deus, ao caminheiro e aos pobres!” —





## O DESCANSO DA TERRA

**E** DEUS, que via os homens sem parança,  
Buscando o Pão em sôfrega batalha,  
Dizia ao povo de Moisés:—“Trabalha  
Seis dias; mas,—ao setimo,—descansa!”—

Depois, olhou a Terra sem esp'rança  
De algum repouso; e viu-a, na fornalha  
De agosto, ou sob as neves em mortalha,  
No seu afan eterno de abastança ...

E Deus sorriu, de pena e amor. Então,  
Ao homem disse:— "Acaso, o duro Chão  
Não trabalha por ti, do vale á serra?

"Cava-o, seis annos, noite e madrugada!  
Mas, ao setimo, deixa-o... Arruma a enxada:  
—Seja, tambem, o Sabado da Terra!"—





## A SOMBRA DOS DEUSES

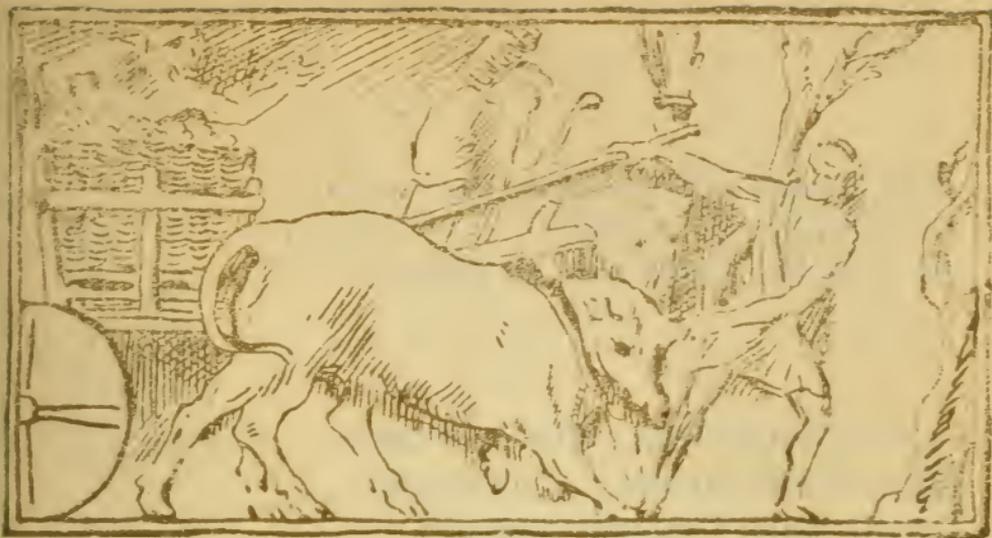
**E**RGUE o teu Cális, pela vida fóra,  
Doce benção da meza honesta e cheia;  
Tambem Jesus o ergueu, na eterna Ceia  
Que nos sustenta as almas iinda agora.

Ergue o teu Cális, como o ergueu a aurora  
Por sôbre o chão que o lavrador semeia.  
—Ah! seja o Vinho a luz duma candeia,  
E não um louco incendio que devora.—

Cális ao alto! Mas cuidado... A chama,  
— De muito arder, — em cinzas se derrama:  
Cautela! A noite é cinza da manhã...

Cális, Arcanjo de ouro! ao sol divino,  
Segue-te a imagem negra... — Eis o destino:  
Sombra dos Deuses, rasto de Satan!





## AMAR A PATRIA

**P**ovo do Lacio, campesino e rude,  
Deixou exemplo neste mundo vário...  
Não basta, ao áugur, bardo ou legionario,  
Que Marte os fortaleça, Apollo ajude:

—Vem-lhes do Chão a animica virtude! —  
O rei, é Sacerdote; o lar, Santuario;  
O Trono, á luz do sol em lampadario,  
Algum virente e rustico talude.

O' prudencia dos homens! Claro aviso  
Dos Deuses! Eis o dom,—o mais preciso,—  
Ao bom Juiz dos Povos, ao Soldado:

—Amar a sua Terra...—E qual amor  
Mais de raiz, do que o do Lavrador  
De rijo peito e coração honrado?





## A MÔÇA TERRA LATINA

**A** TERRA, então, era sonora e cheia:  
Lira e tambor de Deuses e de Heroes.  
—Ou toda um ninho, em voz de rouxinoes,  
Ou bronzeo escudo, em rufos de epopeia!—

A roca e a espada; a armadura e a teia;  
O vinho e o mel; o sangue a flux, depois;  
O carro da batalha; o arado e os bois;  
Lança e aguilhada; exercito e colmeia...

Invoco a Festa, orgiaca e pagã,  
De algum Vinhedo consagrado a Pan:  
Bailam, em ronda, ou em casaes dispersos;

Ardem fogueiras. Noite. Ha riso e ha canto.  
O vinho, jorra aos pés do altar... No entanto,  
Virgilio passa, e vae compondo versos.





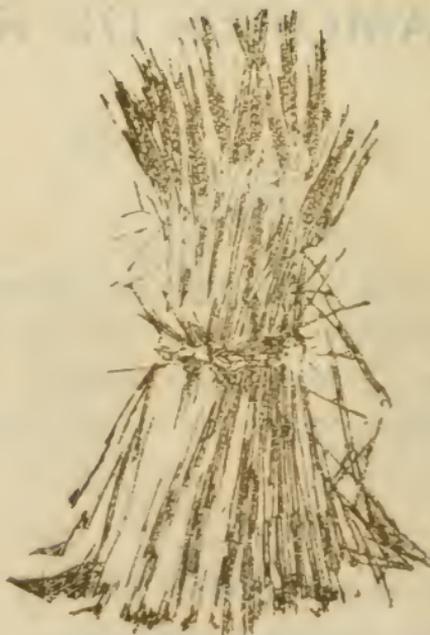
## DOS AMORES DE RUTH

**A**RFAVA a terra, esplendida de orgulho!  
Era ás colheitas: mourejar da sega.  
Chamava a gente á rútila refrega,  
Por mil trombetas de oiro, o sol de julho.

Vão tombando as searas, num marulho  
De claras ondas. Zumbe a cega-rega  
Das cigarras. Ao longe, a verde prega  
Dum vale. Aguas e pombas, em arrulho...

Humilde, Ruth, atrás dos segadores,  
Rebusca entre a restêva:—e colhe amores  
Nuns doces olhos onde fez a luz...

—Enfeixando as espigas que encontravas,  
Ruth! quem te dissera que enfeixavas  
As Gerações de onde sahiu Jesus?





## AS BÔDAS DE CANÁ

**F**oi assim, em Caná de Galileia:  
Celebravam-se as Bôdas de alegria  
Do Par mais lindo que no mundo havia,  
Mas o mais pobre da pobrinha aldeia.

Faltou o vinho, ao fim. E a Virgem, cheia  
De caridade, ao bom Jesus dizia:  
— “Já não ha vinho... E nem peor seria  
Meza sem pão, ou noite sem candeia!” —

Sorriu Jesus, em seu sorrir de magua;  
Fez uma cruz por sôbre as talhas da agua:  
O vinho corre, alegre, e de sobejo!

E diz a Noiva:—“O derradeiro vinho,  
Como era bom!”—E o Noivo diz, baixinho:  
—“Melhor, Amor! só o primeiro beijo...”—





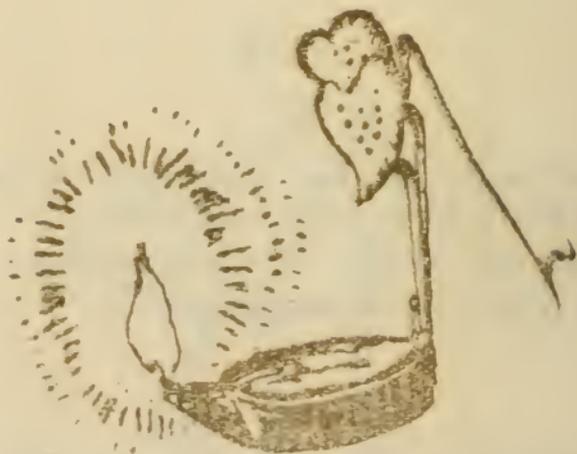
## JESUS NO HORTO

**A**s portas do Calvario, a morte em frente,  
Jesus,—o Deus eterno das Alturas.—  
Foge, um instante, ás outras criaturas:  
Sósinho, orou, cruel e longamente.

Senhor do Céu, da Terra e Inferno ardente,  
Para beber seu cális de amarguras,  
Buscou Silencio e Alma, entre as escuras  
Ramas dum vale, humilde e penitente!

Não procurou montanhas deslumbrantes,  
Soberba e pompa de arvores gigantes:  
Não quiz a gloria, ás horas derradeiras.

Jesus, o bom Jesus de olhar profundo,  
Para chorar, para dar luz ao mundo,  
Buscou a sombra e a paz das oliveiras!





## PÃO DO ESPIRITO

**Q**UAL negra lôba, uivando á lua-cheia,  
A humana carne de Jesus divino  
Ergueu-lhe, contra a alma, em desatino,  
A fauce liante, temerosa e feia.

O frio, a sede e a fome, em alcateia:  
Ancias mortaes de misero destino...  
Jesus, orava, (imenso e pequenino:  
Homem e Deus!) de rôjo, sôbre a areia.

Então, diz-lhe Satan:— “Sei o teu Nome:  
E’s Christo, e vens do Céu... Porque tens fome?!  
Podes tudo, Senhor! Estende a mão:

“Faze um banquete d’este pedregulho!,” —  
— “Eu reso, diz Jesus. Que vale o orgulho?  
A Palavra de Deus, tambem é Pão...” —





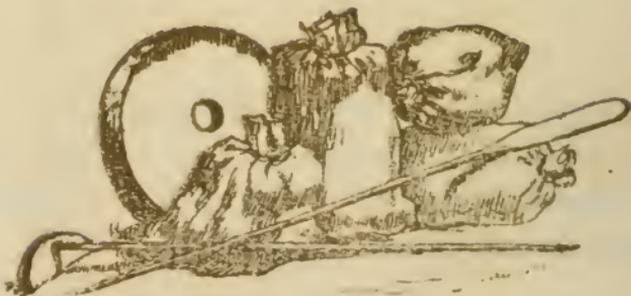
## MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES

O povo diz, em triste pranto, aos ais:  
— “Senhor! nós temos fome... Vale em serra,  
Secam as fontes... A doença e a Guerra,  
Levaram nossos filhos, nossos paes.

“Senhor! nós temos fome... Onde é que estaes,  
Padre-nosso dos céus? Tambem a terra  
E’ vosso Reino: é nela que se encerra  
O pão de cada dia que não daes!

“Outrora, no Deserto, a multidão  
Buscou-vos. Tinha fome: encontrou pão...  
Venha a nós vosso amor, milagre igual!”—

E diz Jesus:—“Foi um milagre, é certo.  
Mas buscaram-me, outrora, num deserto...  
—E fugiram de mim, em Portugal!”—





## EUCARISTIA

**N**AQUELA noite, mãe de eterna Aurora,  
Tomando o Vinho e o Pão, nos disse Christo :  
— “Eis o meu Sangue! eis o meu Corpo... Avisto  
O Reino de meu Pae: chegou a Hora!

“Comei de mim: Eu sou o Pão... Agora,  
Não mais a Fome e a Sêde! O Pão, é isto:  
Doce beijo do Céu, onde eu existo,  
Na bôca em riso e em dôr que me devora...” —

Depois, ergueu-se a Cruz, á noite e aos ventos:  
Mó e lagar dos Seculos cruentos,  
A pizar, a moer, devagarinho...

Hostia, redonda como o sol e o mundo;  
Cális, mais fundo do que o mar profundo...  
—Bemdito seja o Pão! Bemdito o Vinho!





## A LUA

Ó LUA! cheia de Poder oculto,  
De feminina e mística magia...  
Até lembra dizer: — Avé, Maria! —  
Quando surge, das sombras, o teu vulto.

Foste adorada em primitivo culto.  
Tens segredos no berço e na agonia,  
E no tempo de Deus, que tudo cria:  
O sangue e a seiva e as ondas em tumulto...

Nove romagens, círculos divinos,  
Fazes no Espaço (esfinge dos destinos),  
Sôbre o ventre das Mães, em sonho vário.

Lua de Março! és tu a que se espera...  
— Transfiguras a terra em primavera,  
Para que Deus resurja do Calvario!





## LADAINHAS DE MAIO

**P**ELA Ascensão, em maio, á voz da Igreja  
Ha preces, procissões, e ladainhas,  
Por entre as sementeiras, entre as vinhas,  
Para que Deus as guarde, — e mesmo as veja...—

Lá vão, terras além, mal rumoreja  
O sol em opa de oiro. As campainhas,  
Tlintam, chamando o Povo e as avesinhas :  
Pois tudo reza, como quer que seja!

E' quando o vento é bafo de perfumes;  
Quando as rosas acendem os seus lumes;  
Quando, nos ninhos, vão abrindo os ovos...

—Na cruz, entre as searas, nosso Pae  
Até parece um lavrador que sae  
Ao campo, a deitar conta aos seus renovos!





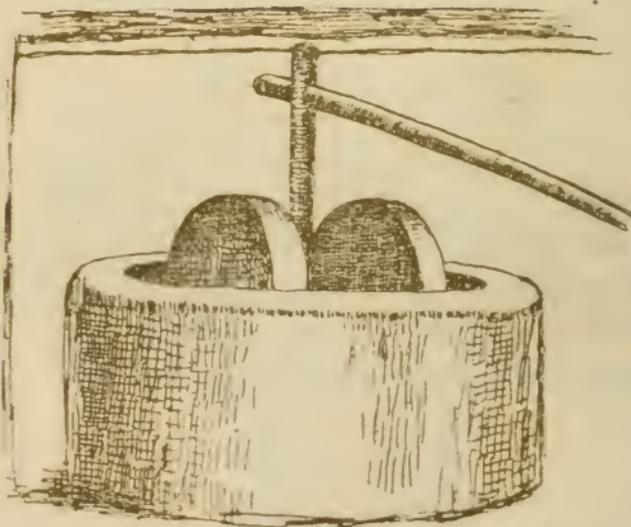
## PÃO DE DEUS

**T**AMBEM os Frutos são um pão divino,  
Chamando, e rindo para quem os coma:  
—Fulcro da terra, vívida redoma  
De alambre e nácar succulento e fino!—

Tambem o Mel é pão: um peregrino  
Sustento e alento de ungitivo aroma;  
—E' todo uma Floresta, desde a coma  
Do cedro, á giesta, ao tôjo pequenino!—

O Mel, é pão... Do proprio favo exausto,  
Faz-se um Banquete de solene fausto,  
Sôbre a meza do altar, para Jesus.

Alma virginea dos marfideos cirios  
Dá fôrça e amparo a Christo, em seus martirios,  
—Pois que os olhos de Deus devoram luz!





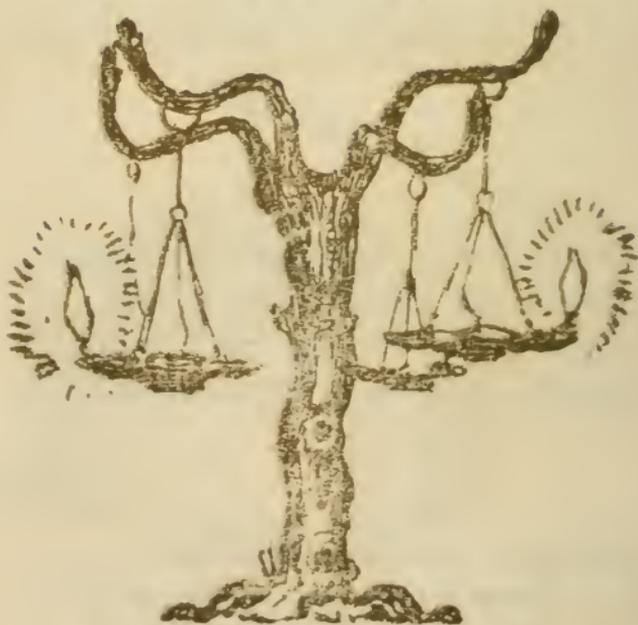
## O SOL

**S**ei lá! Talvez; no Claustro-Azul, mirífico  
Convento das Estrêlas, haja Santos:  
—Já me parece ver, por entre tantos,  
Sam Francisco de Assis no Sol magnífico!—

Tudo abençoá o seu olhar beatífico.  
Por êle, a Terra é toda em verdes mantos.  
O Pão e as Rosas são os seus encantos.  
E' forte e em gloria, humilimo e pacífico.

Doce irmã Lua é a freirinha: é Clara.  
Irmã Pobreza, éle a festeja e ampara,  
E ao Homem: lobo que se fez cordeiro.

Noite em martirio: em abandono e enigmas...  
—O' serafico Sol, cheio de Estigmas:  
Chagas de Christo, luz do mundo inteiro!





## TRIUNFO DA PRIMAVERA

**A**BRIL. Quem bate á Porta de Oiro? Então,  
O Ramo diz: Quem é? — “A Seiva.” — “Suba!”  
Como um leão, auriflamando a juba,  
A Seiva irrompe em férvido cachão.

Jorra a verdura, aos borbotões, do chão,  
Qual vinho môtto extravazando a cuba.  
Cada raio de sol é aurea tuba,  
Lançando á vida um bélico pregão.

— “Hosana! Hosana! E’ nosso o claro dia...” —  
Clama um Vinhedo; e em reptos de alegria,  
Sae, o primeiro a erguer pendão e lança.

Vibra na aragem seu virente carne,  
Em núncio ritornélo, em senha e alarme:  
— “Evoé! Evoé... Saude e Esp’rança!” —





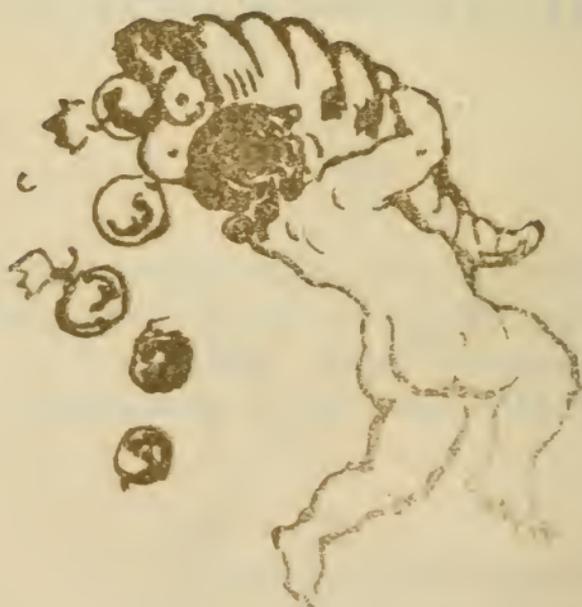
## JUNHO PRODIGO

**R**ESTRUGE a Côr, em mil deslumbramentos.  
O sol, espalha, em tórno, os seus erarios;  
Fantásticos Tesoiros milenarios,  
Resurgem, sôbre um chão de encantamentos:

Oiro novo das giestas; penugentos  
Musgos, em tom de velhos relicarios;  
Rosmanaes de ametistas; inceirdiaris,  
Purpureos trêvos, lampejando aos ventos.

Pontifica a verdura: (Das espaldas  
Da serra, tomba um manto de esmeraldas.)  
A opala e a rosa, servem-lhe de acólitas.

Safiras de agua. Esmalte das lavoiras;  
Papoilas de rubim; searas loiras,  
Em ondas de topasios e crisólitas...





## SURDINA DAS SEMENTEIRAS

**A** TERRA, freme em som e em côr. Resumbra  
Verdura a flux. A Aurora, em cada raio,  
E' lira, e vibra:—musical ensaio,  
Sob os misticos dedos da Penumbra...—

Alvor que sobe, atrôa, ofusca, obumbra,  
Ao vir do garço março ao gaio maio:  
Quando o sol já não olha de soslaio,  
Mas sim em firme olhar que nos deslumbra.

Rumor longinquo. Um ruge-ruge, em unica,  
Setinea nota: o farfalhar da tunica  
Da Primavera, roçagando a serra.

Depois, lento prelúdio, humoso e baço:  
—A surdina das Seivas, ao compasso  
Da mão do Semeador, regendo a terra!





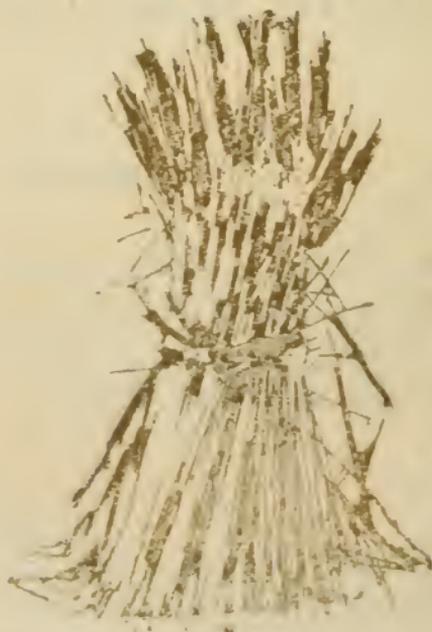
## MARCHA DAS CEIFAS

**R**OMPE, em allegro, a tímida, singela,  
Primaveril surdina, estralejando,  
—Qual ténue nevoa que se esgarça, quando  
Estoira o fulvo sol de dentro d'ela!—

Toda a terra é uma Orquestra, ardente e bela:  
Chamaradas de som que vão reboando,  
Oirando a côr e a luz, heroico ou brando,  
Em vozes de clarim ou charamela.

Eis a Fanfarra do solstício! Em ancia,  
A vida é a expressão, a resonancia  
De estrídulos, grandiloquos metaes...

E ao longe, ao fundo, em rufo de tambores,  
O estrépito e tropel dos Segadores,  
—Em junho, a foice em punho,—entre os trigaes!





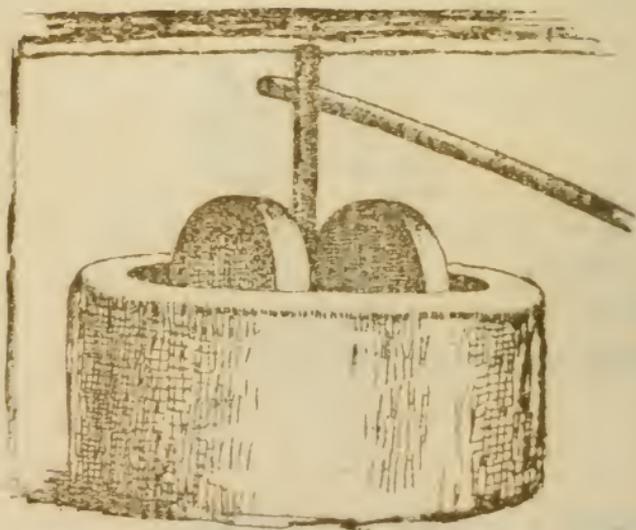
## RAPSÓDIA OUTONAL

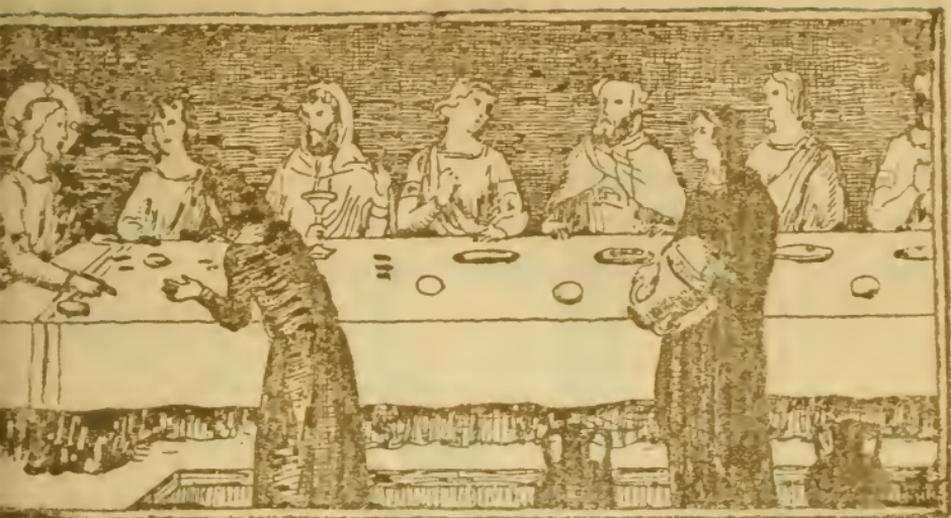
**E** SVAE-SE a marcha triunfal do Estio.  
O Outono, agora, é rapsódia imensa:  
Dilue, espraia, ou, subito, condensa  
As musicas do tempo fugidio.

Eis o soluço e o canto, ao desafio;  
Luz aos trovões, ou rouca e em nevoa densa.  
Saudades, já, de quanto inda é presença...  
Pausas de sombra, trémulos de frio.

Rondós de Primavera, em oiro e rubro.  
Risos de Maio a pizicar Outubro.  
Rumor de folhas mortas, ao sol-posto.

Outono...—Em fundo e múrmuro estribilho,  
Resôa a tulha, onde marulha o milho;  
E freme a adega onde referve o môtto.





## CANTO DO LUME

**D**EZEMBRO! Em lúteos, soturnaes acen tos,  
Rebôa um *De-profundis*, longo e fundo...  
—O proprio Sol, parece moribundo  
Num estertor de nuvens e de ventos. —

Montanhas em funereos monumentos.  
Resposos de agua... O pálido segundo  
Da Lua, em doce Extrema-unção ao mundo...  
Êrmos; espectros; orações; lamentos.

A neve, cae, mortalha fria. Ao longe,  
O mar é um Órgão, onde o Inverno, um Monge,  
Entôa o *Requiem* de estivaes desejos...

Deixá-lo! Arde a fogueira. O vinho, canta,  
Mais doce, aos gorgolejos, na garganta...  
—As dentadas no pão, sôam a beijos!





## ALMOTOLIA SANTA

**N**a minha terra, entre aguas e salgueiros,  
Ao fundo, o largo côro das montanhas  
Como a entoar as épicas façanhas  
De lendarios e nobres Cavaleiros...

Na minha terra, ha Santos milagreiros,  
(Tantas são as desgraças, e tamanhas!)  
Em ermidas sem conta, sôbre peanhas  
De viridentes, líricos oiteiros.

A clara Santa que dá vista aos olhos,  
Tem votos, orações, rosas aos molhos:  
—Vida ás escuras, almas sem luar!—

Mas, nisto, ou vou por ti, Almotolia  
Que dás o azeite e a luz...—Santa Luzia  
Não tem invejas: ha de perdoar!





## ABUNDANCIA

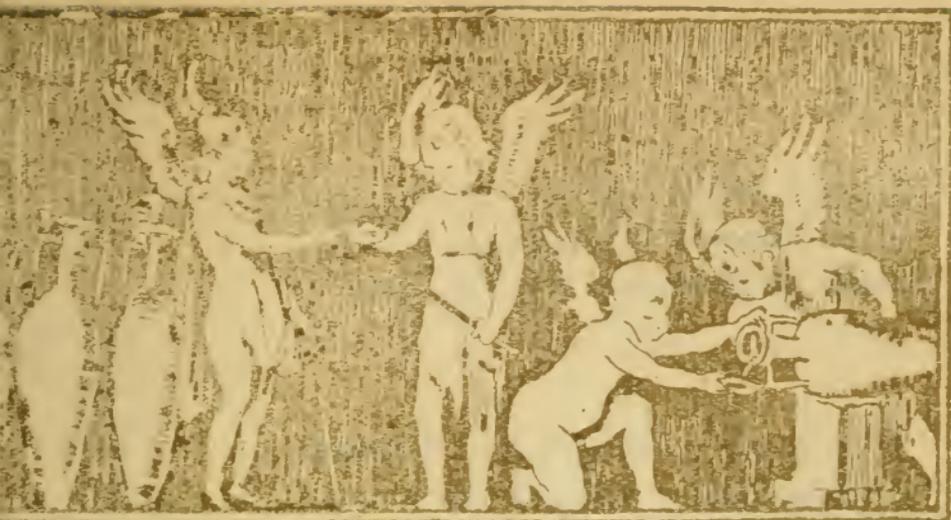
**Q**UE bom sinal, ao tempo da debulha  
E dos lagares, quando o Lavrador  
Alarga os sabios olhos em redor,  
Sorri,—e em longas contas se embarulha!

Começa a espicaçá-lo (como agulha  
De oiro bendido) o sôfrego terror  
De não chegarem, para tanto amor,  
As arcas, o espigueiro, a adega e a tulha!

—Vasilhas?! Onde as ir buscar, aonde?—  
Roga-as na aldeia; e todo o mais responde:  
—“Vizinho! ia fazer-lhe o mesmo avanço...”—

Fatura santa!—O pão, o vinho, o azeite?  
Ande eu a pé, a ver onde é que os deite:  
E seja este cuidado o meu descauso!





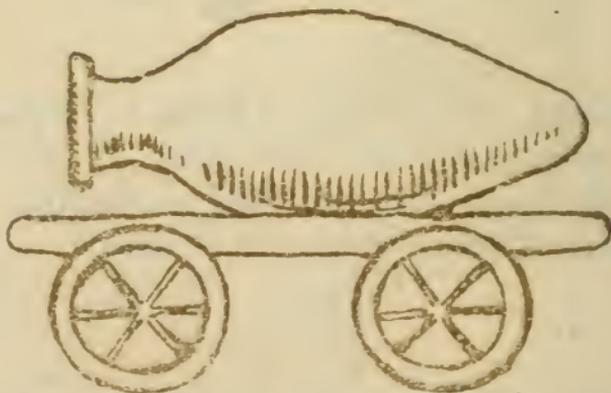
## «QUEM POUCO TEM...»

**A**NDARAM, pelo mundo, o Poeta e o Santo,  
A interrogar a vida, dia a dia:  
— Ela era a Dôr? ou, antes, a Alegria?  
Renúncia e Oração? o Amor e o Canto?

O que era a vida? A terra e o céu! No entanto,  
Se, meio a meio, assim se repartia,  
Entre as coisas dos homens, qual seria,  
Dum lado e de outro, o seu segrêdo e encanto?

Braços da vida, em seu profundo abraço,  
Eram, talvez, a Eternidade e o Espaço,  
Juntos e opostos no Sinal da Cruz...—

E diz o Povo, humilimo:—“A candeia  
E' meia vida; o vinho, é outra meia...”—  
—E' que tem sêde! Às vezes, nem tem luz!





## CALDO SOLTEIRO

**Q**UE doce e bôa, que profunda liga,  
Que nupcias de sustento e de sabor,  
Fazem o caldo e o pão do Cavador  
No farto bôjo da tigela antiga!

E' verde o caldo, e loira a brôa... Diga,  
Quem viu, se não parece, em geito e em côr,  
Um gira-sol, abrindo a aurea flor,  
Sôbre um tufo de relva, á luz amiga!

Não tendo a brôa, o caldo é quasi nada:  
Perdeu o gôsto, e não levanta a enxada;  
Homem que é só, lareira sem rescaldo...

"Carne da minha carne..." Um tanto a esmo,  
Direi, que enfim o bom sentido é o mesmo:  
— Caldo sem brôa?... Que solteiro caldo!





## AS SACHAS

**Q**UE riqueza de côr e de harmonia!  
Deus é Pintor, talvez... Com que desvêlo  
Dispoz a terra para seu modêlo:  
Assim, sorrindo á luz do meio dia.

Um plano, e outro, e mais, na sinfonia  
E ondulação das coisas. Como é belo!  
Ao fundo, a serra; ao alto, o sol. Singelo,  
Mas eterno esplendor que tudo cria!

Serpeiam aguas, entre os salgueiraes.  
Pombas em bando. Fumo dos casaes.  
Meiga expressão, fecunda e primitiva.

Aquém, e além,—em nota mais sonora,—  
Gente das Sachas, pelos milhos fóra:  
I Tôrsos e gestos de escultura viva!





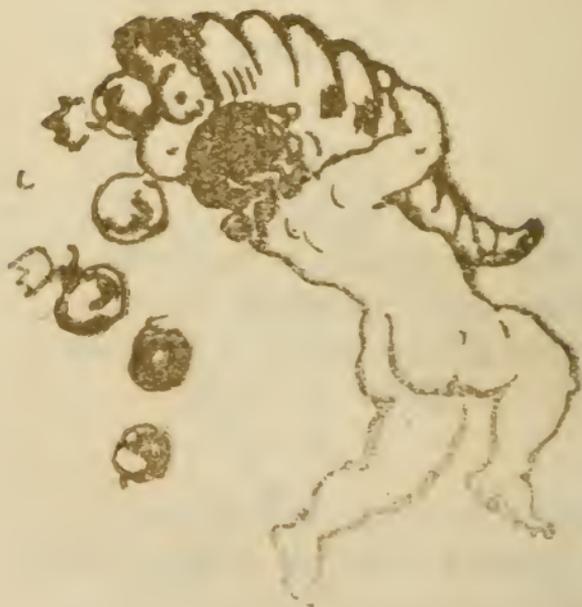
## AGOIROS

**U**m frémito de angústia; um tórvo e fundo  
Apêto de alma; um vágado de mêdo;  
Poder oculto; vozes em segrêdo  
Que parecem chamar-nos do Outro-mundo;

Um Demonio de olhar meditabundo  
Que nos espreita, segue: e, tarde ou cêdo,  
Ha de tolher-nos no seu negro enrêdo,  
Rompendo a treva em fúlguro segundo...

—Eis o sinistro Agoiro, ao nosso lado!  
Tombou-se a almotolia?—“Mal pecado!  
Azeite pelo chão: penas aos molhos...”

Almas ingénuas! Sim... A pena, é esta:  
—Perder a gente, sem proveito ou festa,  
Sabôr da bôca, luz dos nossos olhos!





## VINDIMAS

**D** OCE oração junto da morte; esp'rança  
A' beira e na ilusão do precipício,  
O Outono ri, benefico e propício:  
Velhinho Sabio em brincos de criança...

Outubro e Abril: litúrgica mudança!

—A Terra, fez-se altar de sacrificio:

O Sol, qual o missal ao Santo-Oficio,

Mudou do incendio á luz dorida e mansa.

—Capa de asperges, purpura e oiro ardente,  
O' Vinha! entre a verdura penitente,  
Que sacerdocio é o teu, cheia de fausto?!—

Diz ela:—“Eu prégo o Amor! eu sou o Exemplo!  
Deus é a vida; a Terra, o altar e o templo:  
E dou-lhe a alma e o sangue, em Holocausto! —”





## A FOME

**N**ÃO ha pão! não ha pão... Que praia-mar  
De crimes, de miserias, de agonia!  
Não ha pão! Não ha pão... Melhor seria  
Faltar, ao mesmo tempo, a luz e o ar!

— “Não ha pão! não ha pão!” — De par em par,  
A Aurora abriu as portas da alegria:  
Pela primeira vez, ninguem batia!  
Ninguem, a vez primeira, ousou entrar!

Não ha pão! não ha pão... E Jesus Christo:  
—“Meu Pae! que vae no mundo onde eu existo?  
Antes dos homens, morreria a terra?”—

E Deus, mostrando as multidões a rastros:  
—“Dei-lhes o Amor e a Paz, á luz dos astros...  
Não fui eu! não fui eu que fiz a Guerra!”—





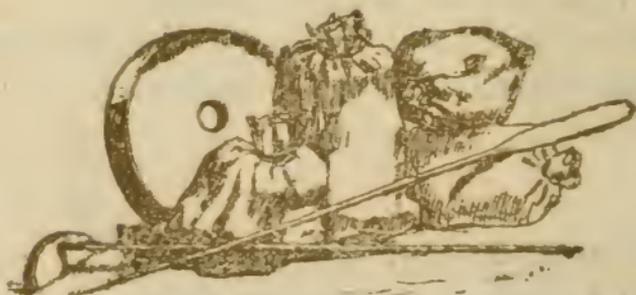
## PÃO PARA O TRABALHO

**F**ALTÁRA, dia a dia, um jornaleiro,  
O mais valente, sabedor e apôsto;  
Fui-me onde a êle: — “Então, de sombra e encôsto,  
Deixando a safra, onde eras o primeiro?!”

“O pão cae-te do céu? Um dia inteiro,  
Roubado á jorna! E leio no teu rosto  
Nem eu sei que vergonha ou que desgôsto...  
Vem trabalhar, que Deus é companheiro!..” —

— “Ah! se eu pudesse... Vê? Tenho os pequenos: Minguava a brôa, e dei-lh’a toda... Ao menos, A minha fome encheu-lhes as fatias!

“Mas enganei a alma, e não a Enxada... Ali a tem! Tombou do braço,—ougada Pelo pão que eu não como, ha tantos dias!,”—





## AS MALHAS

**N**o silencio da noite, e no dominio  
Do plenilúnio triunfal de agosto...  
O azul, docel; a serra, trono e encôsto;  
E um não sei quê de grave e de apolineo.

Os Astros, em concilio:—escrutinio  
Dum novo Sol eleito? Um Deus deposto?—  
Talvez! Mas tudo é paz, é gloria, é gôsto;  
E a Nevoa baila, em seu bailar setineo.

Silencio e êrmo... Então, como em fornalha  
De sons, em grita e estrondo de batalha,  
Rebôa a terra num fragor antigo!

Deuses do Olimpo e Ninfas do arvoredado,  
Tremem de espanto. E Pan: — “Não tenham mêdo!  
São pobres homens, a malhar o trigo...” —





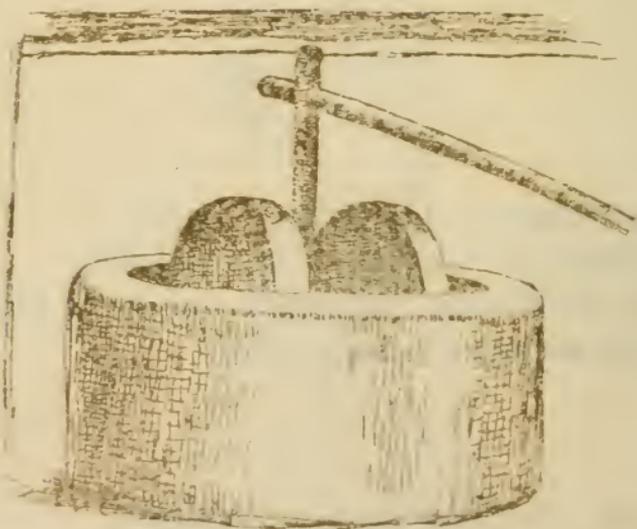
## O MOINHO

**E** RA menino, e já bisonho e serio,  
(Infante da Quimera e da Saudade!)  
Em lembranças não sei de que outra Idade  
Ou Outro-mundo de palôr sidério...

A voz do sino, um ninho, o cemiterio,  
Turbavam-me de sonho e de anciedade;  
—E o rio, entre salgueiros, junto á herdade?  
E a velha azenha, cheia de misterio?—

Misterio, sim, (alma infantil!) e estranho,  
Como agora o não sinto ao mar tamanho,  
A' propria vida-astral que torvelinha...

—A lua; a agua; os antros do cabouco;  
Trovões rolando; as mós a andar; e um pouco  
Do Pão da ceia, em nevoas de farinha!





## O FORNO

**Á**s vezes, noite dentro, em plena aldeia,  
Surge da treva, assim como um vulcão,  
Fundo rombo de fogo: um boqueirão  
Maior mais rubro do que a lua-cheia!

— Fogueira acesa, contra uma alcateia  
De lobos esfainados? Ou, então,  
Um lunaréu, de aviso a quantos vão  
Nas ondas, sem enxêrga nem candeia?

Algum incendio? Não! O sino é mudo:  
O povo dorme em santa paz... Comitudo,  
O fumo sobe, recendente e môrno.

E corre a gente ao som da luz...—E' isto:  
O pão dos homens e de Jesus Christo,  
Que sae da terra para entrar no forno!





## A DÓR

**E** DISSE o Pão:—“Eu sou o que sustento!  
A Fôrça que levanta, activa e ousada,  
A pena de escrever, a enxada e a espada,  
E opõe a branda vela ao duro vento.

“Eu, sendo o sangue, sou o Pensamento  
Que funde o bronze, ou a canção alada,  
—Deus sabe em quanta lagrima chorada  
Nas dúvidas crueis, no desalento...—

"A vida eu sendo, sou a Dôr bendita  
Que revolve as montanhas, e crepita  
Nos gólgotas da Ideia redentora.

"Eu sou caminho de almas: Não fosse eu,  
Jámais, á terra, baixaria o Céu:  
Jesus, — apenas Deus, — homem não fôra!" —





## A ALEGRIA

**E** DIZ o Vinho assim:— “Sou a Alegria.  
Horrenda, sim! e vã e expiatoria,  
Quando é, sómente, chama transitoria:  
Riso carnal, não alma que sorria...

“Mas, se os homens esquecem, dia a dia,  
Minha pura e evangelica memoria,  
Tambem o Sol é santo, em paz, em gloria:  
E olhae que negros crimes alumia!

"Pelo sangue que tenho derramado,  
Deslumbramento rubro do Pecado,  
Quanto festivo e angelico segrêdo!

"Inspiro o Artista. O mundo torno-o lindo.  
Sou a Vitória, alguma vez, — tingindo  
De côr heroica a palidez do mêdo..." —





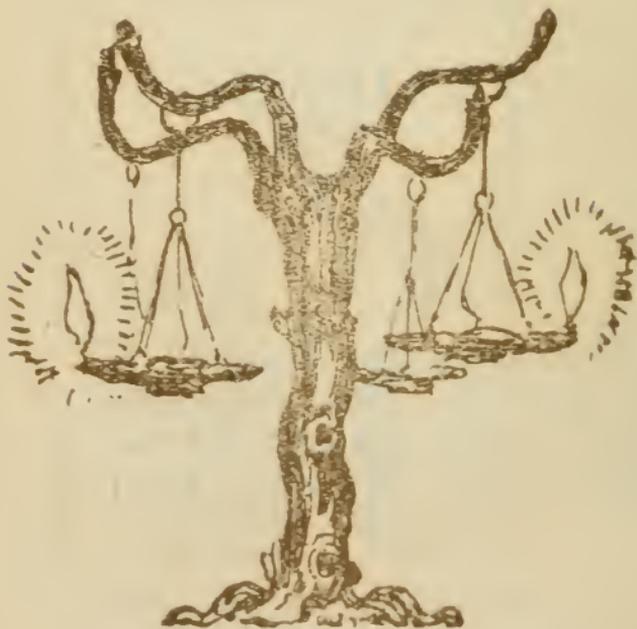
## A GRAÇA

**E** A tímida luzinha, que esvoaça  
No pélagos das sombras, ao nordeste,  
Murmura, assim, em sua voz celeste,  
Dos âmagos da vida:—“Eu sou a Graça!

“Eu sou a que revelo, a quanto passa,  
A fôrma, a côr eterna que reveste...  
Dou harmonia á Confusão agreste;  
Convêrto a Noite, ao canto da vidraça.

"Eu sou o amor; sou oração, vigília.  
Sou a Estrêla do Norte, entre a família,  
Ao pé da Cruz, por sôbre o leito, á ceia.

"Sou a que vou, e estou. A que procura.  
Sem mim, é feia a propria formosura...  
—Sou a graça dos olhos: a Candeia!





## ONDE A VINHA NASCEU

**V**ALE? alcantil? ou chão virgineo e liso?  
— Vinha! em que terra foste revelada?—  
Diga-o quem saiba qual mulher amada,  
Entre as mais, inventou o beijo e o riso!

Foi á beira do Mar, ou sôbre o viso  
De olimpica Montanha consagrada?  
—Eva fatal de pampanos coroadada,  
Ó Serpe! onde é que foi teu paraíso?—

Pensam: Talvez nas auras do Levante:  
Pois vinho é sol, é fogo palpitante,  
Quimera, esp'rança e pompa oriental.

E eu digo: Sim! o vinho é sol... Mas vêde:  
Nêle ha Saudade, ha luz que se despede...  
—O adeus do sol, no extremo Portugal!





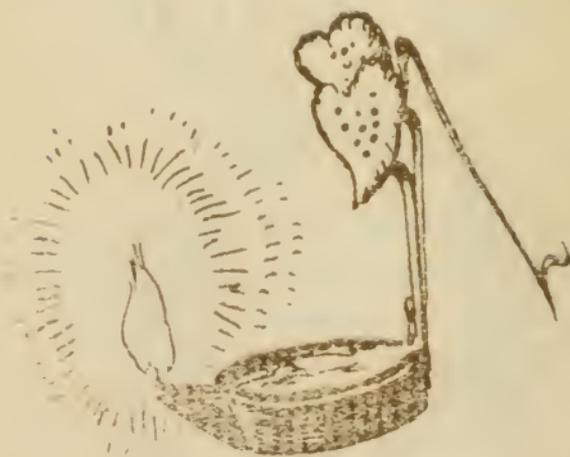
## CANDEIA DO MAR DAS TREVAS

Á vae a Nau antiga, á descoberta.  
— Rumo das Indias; genio da Conquista! —  
**L**O Mar, profundo e eterno evangelista,  
Regouga os salmos... É á Hora-incerta!

A noite, escura, sim, — mas toda aberta  
Ás estrélas do céu que a gente avista. —  
Ancia e misterio... A Nau, tranquila, emrista  
Ao mar sem fim... Só o Piloto, álerta.

Lume apagado, a marinhagem dorme;  
Mas a Candeia do Sinal, enorme,  
Vigia, ao tôpo, aureolando os mastros.

As estrêlas, fulguram, ás miríadas;  
A Nau, embala o Sonho dos Luziadas...  
—E a Candeia responde ao olhar dos Astros!





## HISTORIA TRAGICO-MARITIMA

**L** Á vae a Nau das Indias, á ventura...  
A voz do Adamastor, como um trovão,  
Ao Juizo-Final da perdição  
Invoca o negro Abismo e a negra Altura.

E surge, dum e de outra, horrenda e escura,  
—Viva, outra vez!— a imensa legião  
Dos Naufragios que foram, e serão,  
Rompendo o espaço, o tempo e a sepultura...

Perde-se a Nau! Ao longe, vem, sôbre ela,  
Derradeiro bulcão que vae sorvê-la...

— "O Azeite ao mar: doçura ao Monstro amargo!" —

Azeite ás ondas... Maravilha e espanto!  
A vaga, tomba; amansa o mar. No entanto,  
Rondou o vento... A Nau é salva, e ao largo.





## ORAÇÃO E ESPADA

**L** Á corre a Nau das Indias, á porfia.  
Entre as demais, em épica arrancada...  
(Punge, no céu, a rôxa madrugada:  
E o mar como que em sangue se tingia!)

— "Portugal! Portugal..." — E principia  
O fragor da peleja, Armada a Armada...  
(Depois, ao poente, a vaga ensanguentada  
Era quem dava a côr á luz do dia!)

Levam os homens tempestade ás ondas!  
Cada Nau é um trovão de fogo, em rondas  
De morte e gloria... A Patria, e Jesus Christo!

Pois cada Nau, tambem, é um Santuario:  
Um nicho ao fundo, a Cruz, um lampadario,  
Alguem rezando... — Portugal, foi isto!





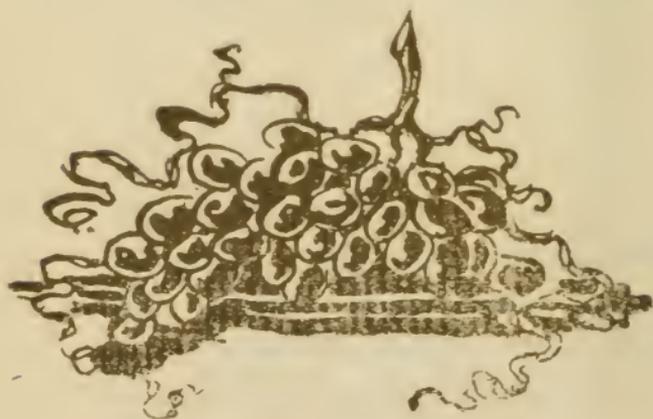
## LAGRIMA DAS COISAS

**S**OCORRO contra nós, amparo e auxilio,  
Senhor do môço tempo e eterno solio!  
A' Vida,—qual caudeia á falta de oleo,—  
Morrem as chamas da epopeia e idilio.

Herôes? A Lenda é seu longinquo exilio!  
E Pan morreu; morreu seu canto eólio!  
A terra é velha: como um velho infolio,  
Sepulcro e pó do genio de Virgilio...

Outono! Olhae: Nas pálidas videiras  
Ha rôxas nodoas de vigilia, olheiras,  
Rubor de febre, tragica beleza...

Que foi o vinho?—O rir de quanto existe!—  
Chora-o, agora, a terra exausta; e é triste:  
—*Lacrimae rerum* sôbre a nossa meza!





## PÃO ALHEIO

**A**h! pão dos outros... Farta de tristeza  
A quem o teve seu, em algum dia.  
De pena, em casa alheia se diria  
Que Deus ouve melhor a quem lhe reza!

Antes um duro assento á nossa meza,  
Do que espaldar de purpura macia  
A' Távola-redonda da alegria,  
Onde esmolamos honras ou riqueza.

O pão dos mais, como êle é pouco, e amargo!  
O pão tambem faz alma! Êle é, ao largo  
Da vida, o nosso berço, o lar e o chão.

Ah! pão alheio de pobreza e ausencia...  
—Para adoçá-lo, só a Paciencia,  
Ou divino conduto: a Gratidão!





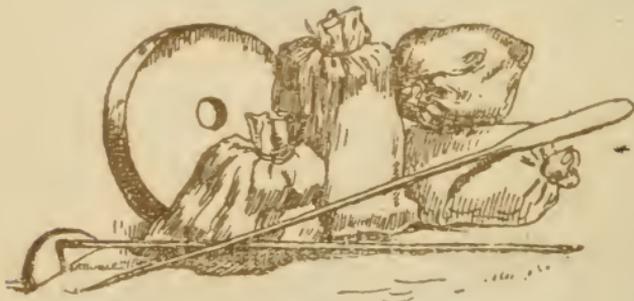
## PÃO DOS POBRES

**N**A minha casa, em dias de fornada,  
(Que velhos tempos e costumes nobres!)  
O pão da nossa meza e o pão dos pobres  
Amanhavam-se á parte, e raza a raza.

Dirão:— Senhor! Em que adianta e atraza  
Separação tamanha, inda que sobres,  
Inda que faltes, pão? Repique, ou dobres,  
Um sino chega... E' repartir-se a braza!—

E eu digo:—Não! Fornada da pobreza,  
Ao extremar-se, assim, da nossa meza.  
Obedecia a um ritual divino:

—Pois, já medi-la ou amassá-la á parte,  
Prolongava, em desvelo, empenho e arte,  
A caridade e amor do seu destino.





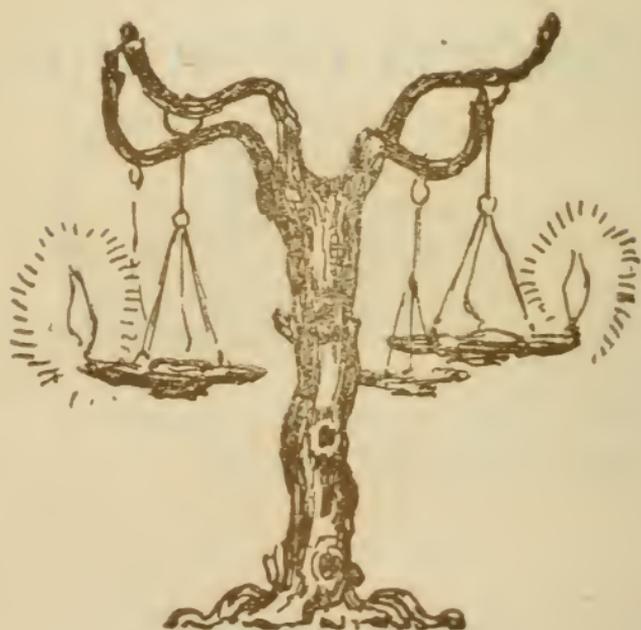
## A CANDEIA DE BUDHA

**N**o meio da floresta, imensa e antiga,  
Num refúgio de troncos e de lama,  
Budha medita, e bravamente clama  
Contra a vida, que tem por inimiga:

—“A vida afronta Deus! A si castiga  
Quem no sangue ou nas almas a derrama.  
Maldito seja quem odeia, ou ama...  
Não sêr, é tudo! O mais, é vã fadiga!”—

Ora, a candeia ouviu. E disse:—“Então,  
Porque me acendes, tu! por tua mão?  
A luz, é vida que de mim se eleva...”—

E Budha viu, na vívida candeia,  
Um Monstro, a devorar-lhe o Sonho e a Ideia,  
Como os astros do céu devoram treva!





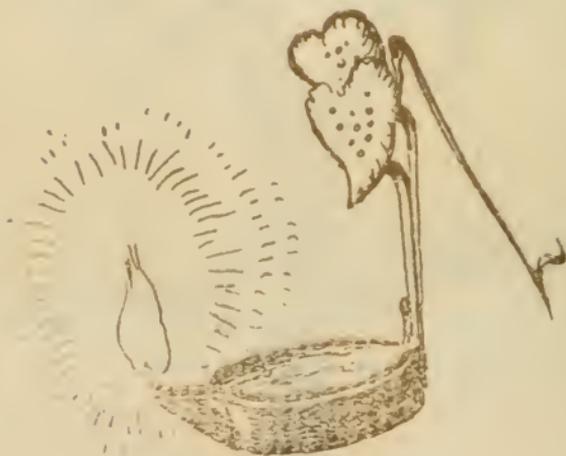
## A CANDEIA DE ASSIS

**N**o divino retiro da montanha,  
Na clara Porciúncula beindita,  
O Santo, entre as mil coisas que medita,  
De orações e de cantos se acompanha:

—“A vida, Senhor Deus! como é tamanha:  
Irmã fogueira, que por nós crepita;  
Louvor, trabalho, amor: lenha infinita...  
E haver na terra quem a não apanha!”—

A' candeia, dizia:— "Ó companheira!  
E's tu a bela imagem verdadeira  
Da vida, em seu esforço e amor profundo:

"Iluminar a Noite, de hora a hora;  
E só morrer, — para render na Aurora  
A luz já não precisa neste mundo..." —





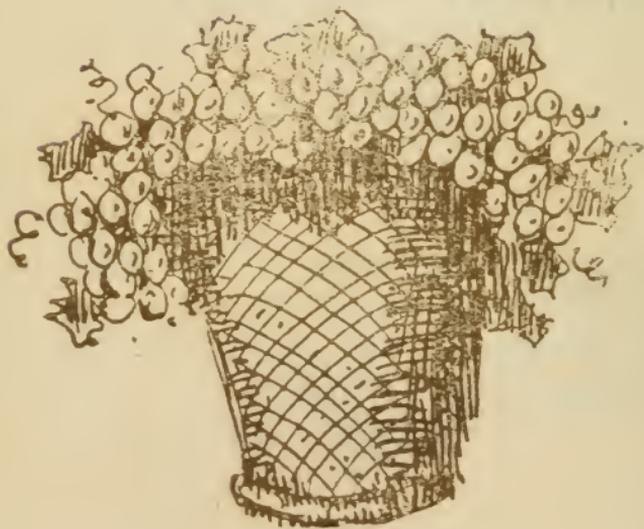
## CHAMAE AS AVES

**A**h! fôra eu santo, bom como as hervinhas,  
E viessem poisar na minha mão,  
Em sinal de aliança e de perdão,  
Os doces rouxinoes e as andorinhas.

Fogem de nós, entre os pinhaes e as vinnias.  
Não tremem, aos ribombos do trovão;  
Mas, o bater do nosso coração  
Enche de espanto as pobres avesinhas!

— Maria! tu, que as amas tanto e tanto,  
E és ave, quasi, em teu andar, teu canto,  
Fala com elas: dá-lhes bons conselhos:

Chama-as, convence-as! Leva-lhes migalhas.  
A pouco e pouco, vê se as animalhas...  
— E poisem, a cantar; nos teus joelhos!





## AGUAS DE REGA

**O** SOL, monstro de chama, a fauce liante,  
A luz em fulva, rábida babagem,  
Passa, e fustiga a pálida Paisagem  
Com a fulminea juba de diamante.

Depois, meteu ao longe... Instante a instante.  
A tarde cae. A terra, é uma voragem  
De fogo e pó. E' quasi um fumo a aragem;  
A verdura crepita, vale adiante.

—Sou Dôr e Séde!—Ao vêr os milharaes  
Estorcerem-se á luz, somos iguaes:  
A sua propria angústia me sufoca!

Mas, logo, eu oiço uns doces gorgolejos:  
Água de rega, que lá vae aos beijos...  
—E é como se beijasse a minha bôca!





## FATIA DO NOIVADO

**A**LMA do Povo, ninho de andorinha:  
Penas e terra... O Povo, corta á enxada!  
Mas, sob esta rudeza afoita e honrada,  
Que doce e ingenua vida se adivinha...

—Fatia do Noivado!— Pobresinha  
Que seja a Bôda, não importa nada:  
Ha, nesse dia, a mais, uma fornada,  
E da mais alya, da melhor farinha.

Tereiros um quinhão.—Ao vir da Igreja,  
Os Noivos mandam... Ninguém tenha inveja!  
E' pão da Festa, e da maior de todas.

Néle ha,—provae!—humana Eucaristia,  
Em transfusão de amor e de alegria...  
—A aldeia em pezo come o pão das Bôdas!





## EM VOLTA DA MASSEIRA

**D**ENTRO do largo bôjo da maseira  
Antiga como a talha dum altar,  
E' de costume, ao sabado, amañhar  
Brôa que farte uma semana inteira.

Que longo Ritual, desde a peneira  
De onde a farinha cae, velando o ar,  
A' agua que fumega, ao voltejar  
Da massa, sob o esforço da Padeira!

Como esta é linda e môça! E que polpudos  
E rijos braços, alvos e desnudos...  
Busto de Deusa acostumada aos soes!

— Miguel Angelo, vem! E vê... Ao menos,  
Já que a não beijas, faz a estátua: Venus,  
A amassar pão de rusticos Heroes!





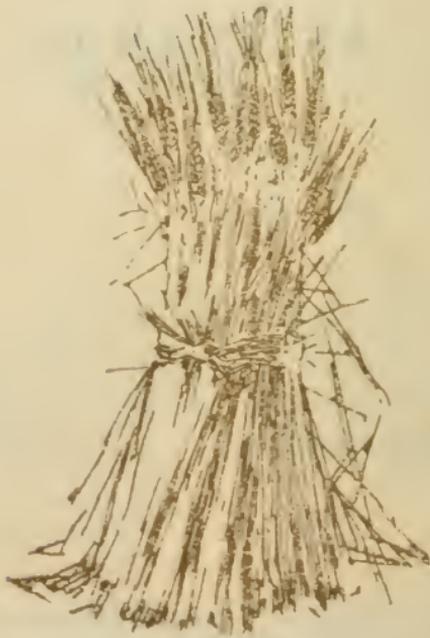
## AS SEARAS

**N**AS searas de trigo, no seu fino.  
Doce, ondulante, languido contôrno,  
Ha não sei quê do palpitante, môrno  
E tentador eterno-feminino...

A's carícias do vento, um andantino  
De fuga; e, logo, um cálido retôrno!  
Rubras papoilas, em garrido adôrno  
Postas ao seio num rubor divino.

Searas de oiro, princezinhas loiras,  
No verde encantamento das lavoiras,  
Levando o Sol por seu mordomo e arauto!

Virtude são, riqueza e formosura...  
—Joio?— Talvez. Sendo a semente impura,  
Eivado o chão, e o lavrador incauto!





## OS MILHARAES

**N**AS terras feracissimas do Norte,  
Correndo a veiga, ou rente aos pinheiraes,  
Ha nos austeros, sóbrios milharaes,  
Não sei o quê de varouil e forte!

Serios, virentes, aprumando o porte,  
As espigas em lança, os triunfaes  
Pendões ao vento... Imensos atraiaes  
De fecunda alegria, não de morte!

O' milharaes da Beira, entre montanhas  
De onde rolaram épicas façanhas  
Dos píncaros ao mar das Gerações...

—Vós sois o Pão viril da minha raça:  
O Sol o peneirou; a Euxada o amassa,  
De encontro á terra, em humidos torrões!





## SÊDE NO MAR

**N**AS longas calmas, pelo nobre Estio,  
Sôbre espreiadas ondas latejantes,  
De sol a sol, a todos os instantes,  
Moureja, afoito, o pescador bravio.

A vela, tomba. O mar, refulge em brio  
De espêlho de esmeraldas e diamantes,  
Na oval dos horizontes chamejantes.  
O vento, dorme, em cálido cicío.

O pescador tem sêde: tal e qual  
Como se a luz, o mar com todo o sal,  
Ardessem no seu peito, em fragua enxuta!

E então, que bom. Senhor! como é propicia,  
—Sôbre as ondas amargas,—a delicia  
Dum vinho môço, inda a saber a fruta.





## OS BOIS

**J**ULHO. Sol-posto. Ergueu-se a lua, em frente.  
Findou a lavra. Cantam rouxinoes.  
Quêdos, soltos do arado, os loiros bois  
Ollham a terra e o céu, confusamente.

Entre o sol, entre a lua, rôxa e ardente,  
A montanha é um canteiro de arreboes;  
— Paisagem para Deuses ou Heroes:  
Bela de mais, só para o ollhar da gente!—

Juntam, na leiva, as rusticas alfaias  
Que Céres inventou. Em roda, as faias  
São harpas verdes, sob eólios dedos.

Rôlas. Cigarras. Canticos estrídulos...  
— Esfingicos, os bois parecem Idolos,  
De guarda a mitologicos segrêdos.





## A NOSSA MEZA

**H**A pão, ha rosas, sôbre a nossa meza;  
Janelas, em redor, á serra e ao mar,  
Magnificas, servindo á alma, ao olhar,  
O mais lauto festim da Natureza!

Rosas e pão... (Um voto de pobreza,  
Caberia, a sorrir, neste manjar.)  
E' de linho a toalha, inda a cheirar  
Aos trêvos e mentrastos da deveza.

As pombas entram: veem ter comigo.  
Junto aos meus pés, espera o cão amigo:  
Seus mansos olhos poisam-se nos meus.

Nem sempre ha alegria... (E' lei de todos!)  
Mas almas em amor, e lindos modos;  
— Ha pão, ha rosas, e orações a Deus.





## O VINHO E A TAÇA

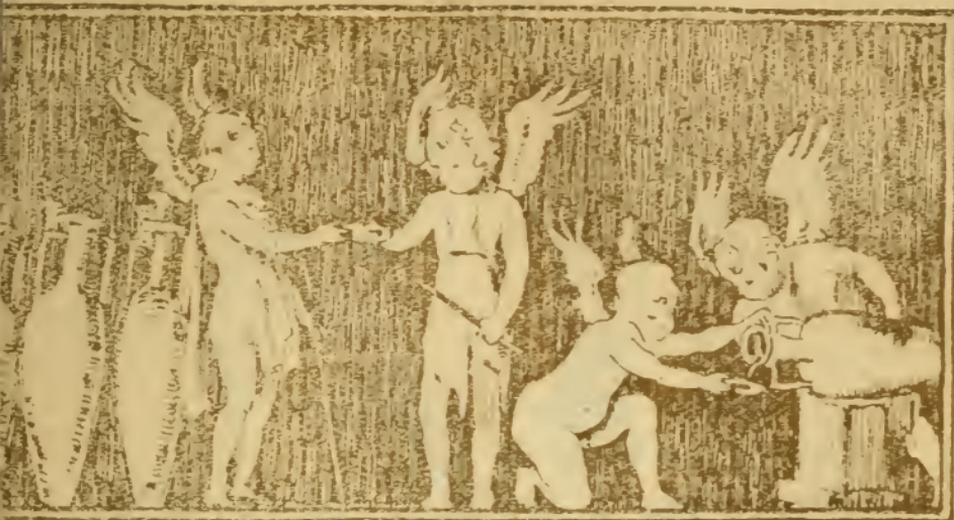
**A** NDA na lenda a eterna despedida  
Do Rei de Thule á sponsalicia taça  
Onde bebêra o amor, o sonho e a graça,  
E roja ao mar, como arrancando a vida!

Louvam a copa de oiro, onde, esculpida  
Por algum Genio, a vinha se entrelaça;  
E Pan espreita, e ri; e um vulto passa:  
Corpo de Ninfa, esplendida e despida.

Lembram a taça, e o vinho não! O aroma,  
Foi-se! Ficou a imagem da redoma...  
E o vinho sim, é que era a essencia rara.

Bebeu-o o Rei, a imaginar que fôsse,  
— Assim tão fresco, tão vermelho e doce, —  
Bôca de beijos que não mais beijára!





## CORAÇÃO SOLTEIRO: CÁLIS VASIO

**A**i dos solteiros! Ai de quem o fôr!  
— Bravio, escuso ramo de figueira:  
Não dá sombra, nem lenha de fogueira.  
E mal é fruto e muito menos flor...

Ai também do tristonho lavrador  
Da terra fria, onde não ha videira  
Que leve o vinho á missa ou á lareira,  
Sorrindo a Deus ou festejando o amor!

Coração sem casal, ave sem ninho,  
Barco sem vela, monte sem caminho,  
Ou cális cheio de agua, ou lar sem braza...

O Povo o diz: — "Além de Jesus Christo.  
A alegria dos homens está nisto:  
Vinha nos campos, a mulher em casa!" —





## A NOSSA LUZ

**D**EUS fez estrêlas para a noite imensa;  
O sol, mais belo, para ornar o dia;  
Depois, deu-nos o amor: pois bem sabia  
Haver a nuvem, gélida e suspensa...

Os homens, não contentes, (por avença  
Com Deus que em orações se pagaria,)  
Quizeram a caudeia: a companhia  
De quem trabalha, quem vigia e pensa.

Maria! o céu espallia a luz, a rôdos;  
Mas luz que não é nossa, que é de todos:  
De todos, cada estrêla, o sol e a lua.

Minha,—e só minha!—apenas a candeia...  
Não digo bem! Assim, fôra só meia  
Tanta ventura... Amor! é minha, e tua.





## O CASAMENTO

**T**RAGO dentro de mim (eternamente,  
Amor! as guardarei no coração)  
A mais divina e doce escuridão,  
E a maior chama que ilumina a gente...

Feliz, ainda a minha alma anda dormente  
D'aquela infinda sombra de paixão;  
E aquelas labaredas ainda são  
A vida em que me trazem tão contente!

—Foi a fogueira nova que acendeste  
No lar, a vez primeira que vieste  
Depois da Igreja abençoar quem ama;

E foi a escuridão de sonho imenso  
Que tu fizeste, ao despregar o lenço,  
Apagando a candeia, ao pé da cama.





## LAMPADA DO ALTAR

**A** CAPELA do monte, em frente ao mar,  
Sob as pombas em vôo, entre pinheiros,  
E' avistada pelos marinheiros  
E pelas gentes que andam a cavar.

Ao lusco-fusco, inda entre sol e luar,  
Eu vou, chapéu na mão, olhos rasteiros,  
Como os antigos, nobres Cavaleiros  
Que iam vêr Deus, depois de batalhar.

Eu vou. Vivi e trabalhei. Fiz versos.  
E rezo. O altar, em flôr. Santos, imersos  
Na sombra, são Visões espirituaes .

Então, acendo a lampada. Suspensa,  
Ela baloiça na penumbra imensa ...  
—E sinto em mim o Deus dos nossos Paes!





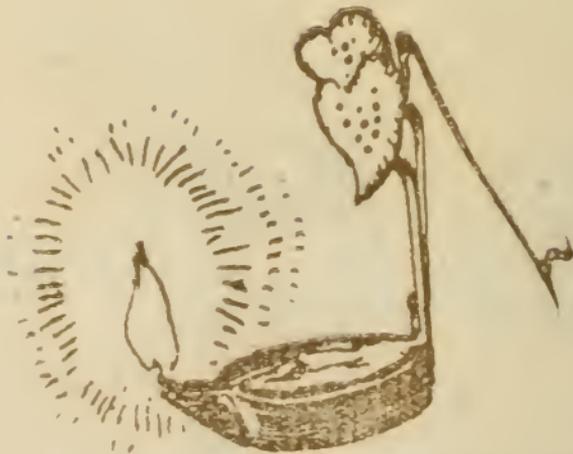
## FIO DE AZEITE

**A**ZEITE de oiro, num cristal macio,  
Alegria da meza e seu adôrno,  
Que bem te casas, tu, ao pão do fôrno,  
A' verdura das hortas, fio a fio!

Em claro esmalte, ou rustico, sombrio,  
Ingenuo barro de aspero contôrno,  
Boiam teus olhos de topazio, em tôrno,  
Sorrindo á fome, acalentando o frio!

Em sete notas de harmonia:—leite,  
Mel, agua, vinho, fruta, pão, azeite!—  
Faz-se o canto do Gôsto, á meza cheia.

Azeite! E o canto sobe em alma e em vida,  
Da baça Melopeia da comida  
Ao radioso Allegro da candeia.





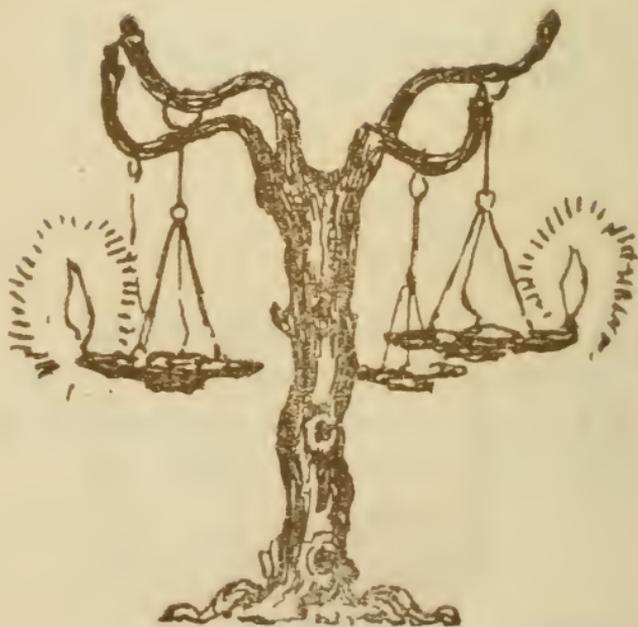
## SANTOS-OLEOS

**O'** CLARO Azeite, companheiro antigo  
Dos homens! sê bendito, eternamente.  
E's meigo, avontadado e complacente,  
Util e bom, como um divino amigo!

Sofres tormentos, aspero castigo:  
Filho da terra em arvore innocente,  
O Sol incarnas, por amor da gente...  
Louve-te o Rei, adore-te o Mendigo!

Amacias o caldo, em teu perfume;  
Dás vista aos olhos; enches do teu lume  
Palacio, templo, ou antro de caverna.

Balsamo vivo, consolando as chagas,  
Bemdito! agora, e sempre, — e quando tragas,  
Na Extrema-unção, a extrema luz eterna...





## LAMPADA DOS MORTOS

**A**LI, junto ao Sepulcro, ao pé do Altar,  
A lampada dos Mortos se consome ;  
E ali não chega a vida: a guerra e a fome;  
E nem a morte, o Fim, ha de chegar!

Porque, morrer, é vago instante: um ar  
De sombra, que perpassa, e logo tome  
Outra luz, outros vôos, outro nome...  
O mais, não é morrer: é descansar.

A lampada dos Mortos, — como um laço  
De fogo, — ali suspende, passo a passo,  
A eterna liberdade aos Fugitivos...

E ali, serenos, pálidos e absortos,  
O que dirão e sentirão os Mortos,  
— Cativos da Saudade á mão dos vivos?





## DESTINOS

**A**s nossas pobres almas o que são?  
Seára eterna de eternaes espaços:  
Sementeira de estrêlas aos pedaços,  
Tombando, como a aveia, grão a grão.

De onde é que veem? Para onde é que vão?  
A vida e a morte... Quem lhes guia os passos?  
Crescem, florescem, nestes vãos e escassos  
Dias da terra, em sol e escuridão.

A que Fôrças ocultas dão sustento?  
A Deus, em gloria, amor e pensamento?  
Ou a Satan, em treva e maldições?

Assim é o pão...— Bemdito, afortunado,  
Em Portugal, o pão que houver criado  
Santa Isabel, Nun'alvares, Camões!





## A CANDEIA DE CAMÕES

**N**A fria gruta de saudade e exílio,  
Camões fundia o bronze da Epopeia...  
—Cachôa no seu Canto, em maré-cheia,  
O mar, envolto num luar de idílio.—

Graças e Musas, postas em concílio,  
Fizeram roda, em tórno da candeia;  
Velam, na sombra que tremúla e ondeia,  
As Sombras de Petrarca e de Virgílio.

Mas, eis que logo, e subito, se vão,  
(Cansadas, já, de tanta inspiração!)  
As pálidas figuras estrangeiras...

Só restou a candeia,—tal e qual  
Como se ardesse todo Portugal  
Em oleo do Jardim das Oliveiras!





## O VINHO DE ALJUBARROTA

**A**GOSTO. Meio dia. A luz, é poalha  
De oiro e cristal. Toda a charneca, um fôrno  
Em lumaréus de estêvas e de piôrno  
E fumegantes éstos de borrallia!

—Era o supremo dia da batalha.—  
A frouxo, um vento abafadiço e môno,  
Ergue alarido de pendões. Em tôrno,  
A gente espera:—“E que o Senhor lles valha!”—

O inimigo tardava:— “Ou foge? ou dorme?,”—  
A sede é já cruel: No vale, enorme,  
Nem agua havia para os rouxinoes...

Sómente, a ocultas e devagarinho,  
Acaso passa algum pichel de vinho,  
Entre o formoso riso dos Heroes.





## A TERRA

**O'** TERRA, amparo, e mãe das criaturas!  
Santa Isabel dos mundos, destinada  
Entre as demais estrêlas, a Esposada  
Do Sol, no claro Reino das Alturas:

Em passos de oiro, pelas ciãs escuras  
Da noite, antes que venha a madrugada,  
Que levas tu, na imensa arregaçada  
De sombra e luar de misticas alvuras?

Levas searas, vinhas, olivedos,  
Santa Isabel dos pródigos segredos,  
Amparo e mãe de pobres Cavadores.

Verde avental, tão milagroso e santo  
Que se desprende á luz: e faz-se o Encanto...  
— O Sol, olhando, só encontra flores!





## PALAVRAS DE MINHA MÃE

**N**ossa Mãe ensinou-nos, de pequenos:  
(Irmão! que belo tempo, tão feliz...  
Nem Portugal, infante, ao sol de Aviz,  
Ou parpalhoz de abril, por entre os fenos.)

— “Deus olha nas estrêlas... Ha venenos  
Nas palavras a mais que a gente diz.  
Não façam mal a quanto tem raiz,  
E ao que tem azas, Filhos! muífo menos.

“Descobri-vos, diante dos vélhinhos.  
Dos pobres e das cruces dos caminhos.  
Apagae vossa luz em grato amor.

“Se vos cahir ao chão uma migallia,  
Apanhae-a e beijae-a: (ninguem ralha!)  
—Beijando o pão, beijaes Nosso Senhor!





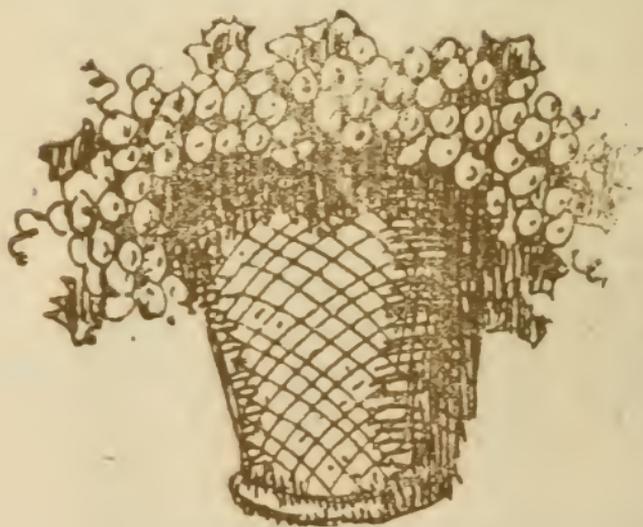
## CÚLTO DA BELEZA

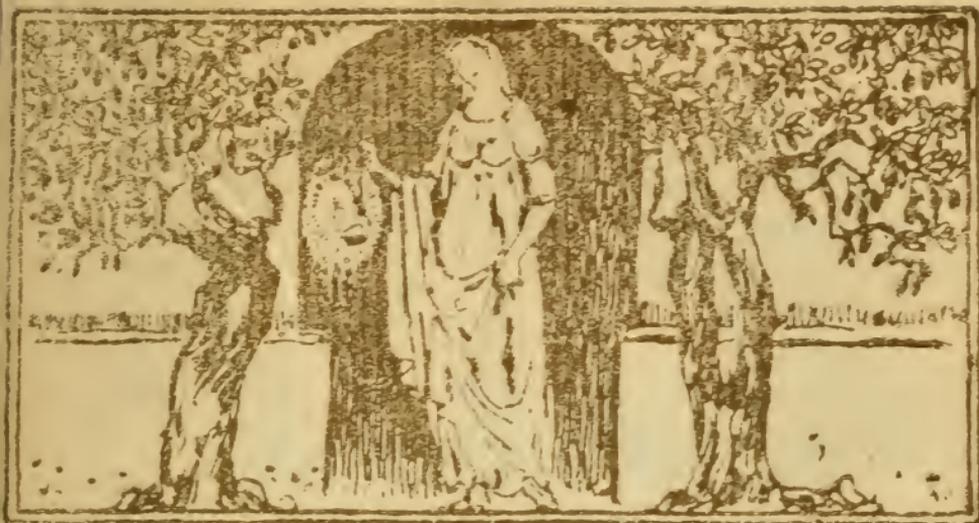
**N**A cêrca do Convento, um hortelão  
Lidava, sol a sol, arado e enxada,  
Na terra,—dura e nua,—acostumada,  
Sómente, (e mais que fôra!) á horta e ao pão.

Sam Francisco de Assis, dizia, então:  
—“E’ util a irmã Horta, consagrada  
Ao sustento do corpo, e a bem-amada  
Seara loira em que enternece o chão.

"Mas, onde o teu Jardim? Nem um canteiro!  
Ser lavrador, não tira o jardineiro:  
Sacerdote que êle é, obriga-o mais.

"A Flor, é devoção da Natureza:  
—Deus quer, no Santuario, a luz acesa,  
E as chamas da papoila entre os trigaes!,"—





## PARA ALEM DE NÓS

**L**OUVADO eu tenho, em viva maré-cheia  
De Canto, (que nem sei de onde viria...)  
O Pão-Nosso de amor e cada dia,  
O alegre Vinho, o Azeite da Candeia.

Pálida chama de longinqua ideia,  
Foi mais um sonho louco e vã porfia:  
—Os olhos nela, em quanto a vi, não via  
Estrêlas em que a Noite se incendieia!—

O' versos meus, calae! Na sombra imensa  
Do silencio-Oração é que, suspensa,  
Minha alma escuta o Verbo das Alturas.

Candeia a arder, cegou-a .a luz! Agora,  
Quando apagada, é que ela enxerga a aurora...  
— Os Astros, vejo-os, poudo-me ás escuras!





## ORAÇÃO

**D**ESDE a candeia, a arder ao nosso lado,  
Pregada ao velador como na cruz,  
Bemdito sejas tu,—Senhor! Jesus!—  
Por quanto doce bem nos tenhas dado.

De quanto é belo, estável e sagrado,  
Ao que, por nosso amor, se reproduz;  
Desde as leivas do céu, na eterna luz,  
Aos fecundos torrões que faz o arado:

Louvado sejas, tantas vezes quantas  
São ondas do mar, as aves santas,  
Cantando sôbre os pulpitos da serra .

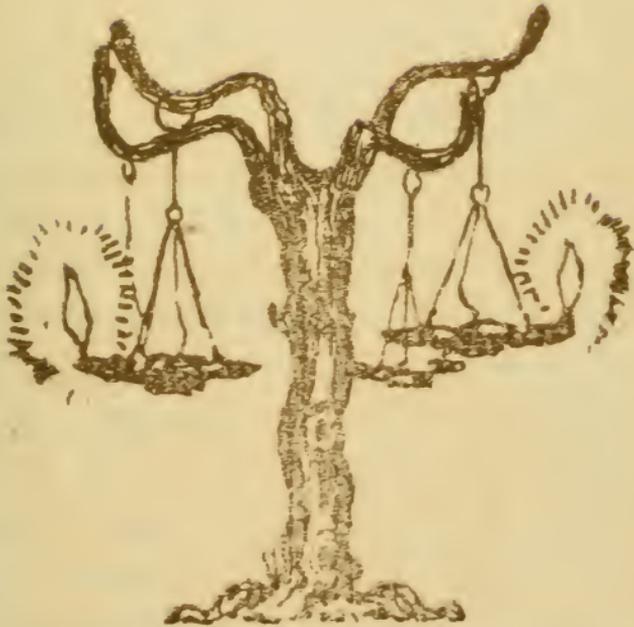
Bemdito, em todo o lar, todo o caminho,  
Pela luz, pelo pão e pelo vinho  
Que nos dão, por teu mando, o Sol e a Terra!

PRIMAVERA  
1919.



LAVS DEO

# INDICE





# INDICE

---

	PAG.
Epigrafe . . . . .	9
Dedicatória . . . . .	11
Inscrição . . . . .	13
Pão Nosso . . . . .	15
A Agua e o Fogo do Paraiso . . . . .	17
Na Sombra das Idades. . . . .	19
A Maçã e a Hostia . . . . .	21
Lição das Feras . . . . .	23
O Gesto de semear . . . . .	25
O canto das Seáras . . . . .	27
A Seiva-Espirito . . . . .	29
A candeia de Homero . . . . .	31
A Epopeia . . . . .	33
A Maior Arte . . . . .	35
A Tentação dos Deuses . . . . .	37
A Enxada . . . . .	39

	PAG.
Depois do Diluvio . . . . .	41
O Maná . . . . .	43
As Primícias. . . . .	45
Quinhão dos Pobres . . . . .	47
O descanso da Terra . . . . .	49
A Sombra dos Deuses. . . . .	51
Amar a Patria . . . . .	53
A môça Terra Latina . . . . .	55
Dos amores de Ruth . . . . .	57
As Bôdas de Caná . . . . .	59
Jesus no Horto . . . . .	61
Pão do Espírito . . . . .	63
Multiplicação dos pães . . . . .	65
Eucaristia . . . . .	67
A Lua . . . . .	69
Ladainhas de Maio . . . . .	71

	PAG.
Pão de Deus . . . . .	73
O Sol . . . . .	75
Triumpho da Primavera . . . . .	77
Junho prodigo . . . . .	79
Surdina das Sementeiras . . . . .	81
Marcha das Ceifas . . . . .	83
Rapsodia outonal . . . . .	85
Canto do Lume . . . . .	87
Almotolia santa . . . . .	89
Abundancia . . . . .	91
"Quem pouco tem . . . . ."	93
Caldo solteiro . . . . .	95
As Sachas . . . . .	97
Agoiros. . . . .	99
Vindimas . . . . .	101
A Fome . . . . .	103

	PAG.
Pão para o trabalho . . . . .	105
As Malhas . . . . .	107
O Moinho . . . . .	109
O Fôrno . . . . .	111
A Dôr . . . . .	113
A Alegria . . . . .	115
A Graça . . . . .	117
Onde a Vinha nasceu. . . . .	119
Candeia do Mar das Trevas . . . . .	121
Historia Tragico-maritima . . . . .	123
Oração e Espada . . . . .	125
Lagrima das coisas . . . . .	127
Pão alheio . . . . .	129
Pão dos pobres . . . . .	131
A candeia de Budha . . . . .	133
A candeia de Assis . . . . .	135

	PAG.
Chamae as aves . . . . .	137
Aguas de rega . . . . .	139
Fatia do noivado. . . . .	141
Em volta da masseira . . . . .	143
As Seáras . . . . .	145
Os Milharaes . . . . .	147
Sêde no mar . . . . .	149
Os bois . . . . .	151
A nossa meza . . . . .	153
O vinho e a taça . . . . .	155
Coração solteiro: calis vasio . . . . .	157
A nossa luz . . . . .	159
O casamento . . . . .	161
Lampada do Altar . . . . .	163
Fio de azeite . . . . .	165
Santos Oleos . . . . .	167

	PAG.
Lampada dos Mortos . . . . .	169
Destinos . . . . .	171
A candeia de Camões . . . . .	173
O vinho de Aljubarrota . . . . .	175
A Terra . . . . .	177
Palavras de minha Mãe . . . . .	179
Culto da Beleza . . . . .	181
Para além de nós . . . . .	183
Oração . . . . .	185

# OBRAS

DE

## ANTONIO CORRÊA D'OLIVEIRA

(Da Academia das Sciencias de Lisboa  
e Academia Brasileira)

LADAINHA, 1897. EIRADAS, 1899 (2.<sup>a</sup> edição.). AUTO DO FIM DO DIA, 1900 (2.<sup>a</sup> edição.) ALIVIO DE TRISTES, 1901 (2.<sup>a</sup> edição.) CANTIGAS, 1902. RIMANCE DO BERÇO, 1902, (Fóra do mercado). RAIZ, 1903. ARA, 1904. PARÁBOLAS, 1905. TENTAÇÕES DE S. FREI GIL, 1907 (esgotado). O PINHEIRO EXILADO, 1908. ELOGIO DOS SENTIDOS, 1909. ALMA RELIGIOSA, 1910. CRAVOS, 1910 (Fóra do mercado). AUTO DAS QUATRO ESTAÇÕES, 1911. DIZERES DO POVO, 1911 (3.<sup>a</sup> edição.) ROMARIAS, (Separata d'A Aguiã, 1912). A CRIAÇÃO - I. Vida e História da Arvore, 1913 (2.<sup>a</sup> edição.) A ALMA DAS ARVORES, 1913. (Adaptação do ante-

rior. Para as crianças.) OS TEUS SONETOS, 1914. MENINO, 1914. A MINHA TERRA - I. Caminho (2.<sup>a</sup> edição.) II. Auto do Anno Novo (2.<sup>a</sup> edição.) III. A' Ladeira (2.<sup>a</sup> edição.) IV. Vida de Lavrador (2.<sup>a</sup> edição.) V. D'Aquem e D'Aiem Ondas (2.<sup>a</sup> edição.) VI. Do meu Quintal. VII. Os namorados (2.<sup>a</sup> edição.) VIII. Auto de Jimbo (2.<sup>a</sup> edição.) IX. Um Lenço de Cantigas. X. Cartas ao Vento. - "ESTAS MAL NOTADAS REGRAS..."., 1918. "SOLDADO QUE VAES Á GUERRA", 1918. NA HORA INCERTA, ou A NOSSA PATRIA. Livro 1.<sup>o</sup> - É PORTUGAL QUE VOS FALA. - Livro 2.<sup>o</sup> - VIRIATO LUSITANO. - Livro 3.<sup>o</sup> - AUTO DO BERÇO. - 1920.

No prélo (da série NA HORA INCERTA):

L.<sup>o</sup> 4.<sup>o</sup> - O SANTO CONDESTAVEL

L.<sup>o</sup> 5.<sup>o</sup> - A NAU CATRINETA

Por motivos inteiramente alheios á vontade do Autor e dos Editores, o aparecimento d'este livro retardou-se perto de dois annos.

Algumas imperfeições—entre as muitas que, certamente, haveria a corrigir:

A pag. 26, ultimo verso, imprimiu-se

Este infinito Acceno

por

Este infinito ~~Acceno~~

A pag. 148, verso ultimo,

De encontro á terra,

por

De encontro á Serra,

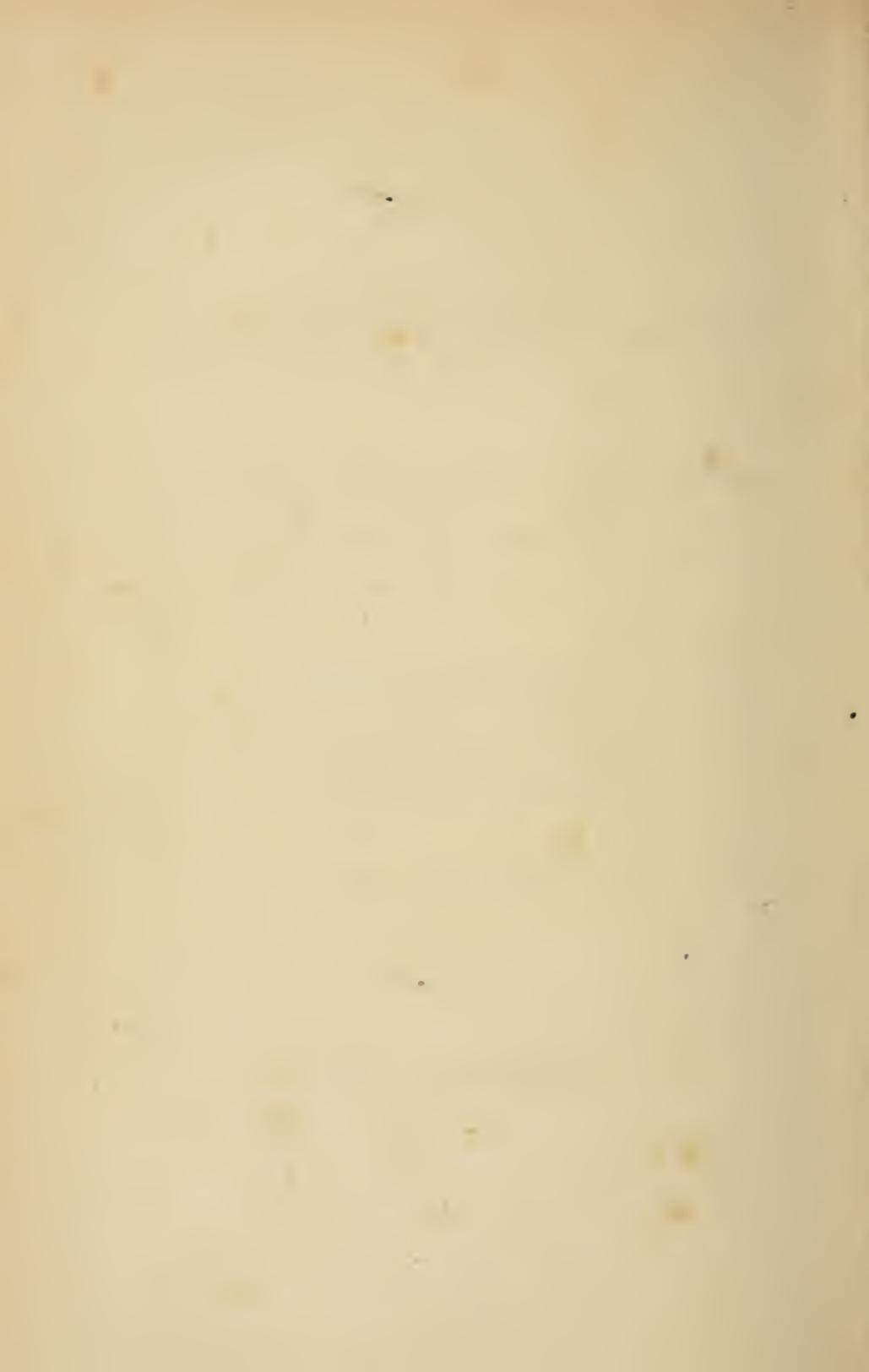
A pag. 185. 2º verso,

São ondas do mar,

por

São as ondas do mar.

Composto e impresso na "Tipografia  
Costa Carregal" na cidade do Porto,  
Travessa Passos Manuel, n.º 27. Co-  
meçou a impressão em novembro de  
1919. Terminou em dezembro de 1920.







PQ  
9261  
C623P3

Corrêa de Oliveira, Antonio  
Pão nosso

PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C  
39 10 05 08 12 018 8